



PUC RIO

CRISTIANE PEREIRA DE FIGUEIREDO

**A OPRESSÃO DA CRIATIVIDADE: O TRABALHO CONTEMPORÂNEO E AS
LESÕES POR ESFORÇOS REPETITIVOS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 23 de março de 2001

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 F475 TESE UC
Autor Figueiredo, Cristiane Pereira
Titulo A opressão da criatividade



Ex.1 PUC-Rio - PUCB

00201371

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

PUC-RIO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**LINHA DE PESQUISA 3: INSTITUIÇÕES, PRÁTICAS SOCIAIS E
CULTURAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A OPRESSÃO DA CRIATIVIDADE:
O TRABALHO CONTEMPORÂNEO E AS LESÕES
POR ESFORÇOS REPETITIVOS**

ALUNO: CRISTIANE PEREIRA FIGUEIREDO

ORIENTADORA: ANGELA BARAF PODKAMENI

FEVEREIRO/ 2001

112927



EC/TV
cl

150
F475
TESE UC
ex 1

À Luana,
meu presentinho do Papai do Céu.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor João Ferreira da Silva Filho pela indicação.

À equipe do OTSAM/IPUB pela parceria.

À Professora Esther Arantes pelo primeiro apoio.

Aos professores do Departamento pela transmissão do conhecimento.

À equipe da secretaria, especialmente à Marise, pelos sorrisos.

Aos colegas de turma pelo companheirismo.

Aos diretores e funcionários do SINDPD-RJ pelo confortável acolhimento.

Aos trabalhadores, que ao partilharem seus sofrimentos possibilitaram-me a inspiração para a elaboração deste trabalho. Para eles, meu respeito.

À Doutora Silvia Jardim, pelas oportunidades e confiança, pela força e total incentivo, pelo apoio e parceria. Sua dedicação, ao trabalho e aos trabalhadores, são paradigmas inspiradores. Compartilhar seu conhecimento e idéias é não só um prazer, mas também um privilégio. Por tanto e por tantas já passadas, meu imenso carinho.

À Professora Angela Podkameni, *mãe boa o bastante* que proporcionou-me um suporte psíquico e técnico, através de uma orientação inteligente, viabilizando a existência de um *espaço potencial* no qual pude *trabalhar com criatividade*. Sem sua escuta, não teria sido possível viver a *Preocupação Materna Primária*. Por estas e outras, minha eterna gratidão.

Aos meus pais por todas as oportunidades, pela compreensão e apoio, minha dedicação.

Ao meu marido, Ramon, companheiro nas turbulências e no maior dos prazeres deste percurso. Sem sua parte, não seria possível a confecção deste trabalho e tampouco a geração do fruto mais bonito deste período. Para ele, meu amor.

RESUMO

A idéia desse trabalho se deu a partir de uma experiência na Assessoria em Saúde ao Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados do Rio de Janeiro, escutando trabalhadores adoecidos com as Lesões por Esforços Repetitivos. A busca por maior produtividade e lucratividade, característica da expansão do capitalismo em escala globalizada, oferece importantes mudanças no mundo do trabalho. Este trabalho discute estas mudanças e tenta identificar o trabalhador e as circunstâncias de trabalho desta atualidade. Neste contexto, tendo como referência a psicanálise de Winnicott, tenta pensar o sofrimento psíquico envolvido na gênese e nas conseqüências das LER objetivando contribuir teoricamente aos caminhos que possam levar à prevenção da doença e melhores formas de tratamento para os já adoecidos.

ABSTRACT

The initial point of this work was an experience as Health Assistant at the *Sindicato de Computadores de Rio de Janeiro*, where I could listen *Work-Related Musculoskeletal Disorders* sick workers. The pursuit of greater productivity and profitability - which characterizes the capitalism expansion in global scale - has driven important changes in the work environment. This dissertation points out those changes and try to identify the modern worker and the work circumstances. In this context, having the theory of Winnicott as a reference, I try to think the psychological suffering involving *Work-Related Musculoskeletal Disorders* origin and consequences, aiming to theoretically contribute to prevent this sickness and a better treatment to those workers almost sick.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
O CAMPO.....	15
Um Pequeno Panorama do Campo da Saúde Mental e Trabalho.....	17
Os Estudos no Brasil	19
LER: DOENÇA INVISÍVEL – SOFRIMENTO IRRECONHECÍVEL.....	22
Algumas Considerações Sobre o Psicológico: uma revisão bibliográfica	26
Contribuições ou Contraposições	28
A Contribuição de Ribeiro.....	30
Uma Experiência com Caixas Bancárias: a pesquisa de Borges.....	31
AFLIÇÃO DA PÓS-MODERNIDADE	33
Pós-Modernismo.....	33
Globalização	35
O Individualismo Pós-Moderno	38
A Era do Aqui e Agora e Suas Implicações na Formação do Caráter.....	42
A ESCALA GLOBAL DO SOFRIMENTO DIÁRIO.....	45
A “Pressão” Globalizada	45
Os Efeitos Desgastantes	47
O Valor do Espontâneo	49
Da Pressão à Opressão.....	51
A DOR COMO LIMITE.....	54
Relatos do Real: uma realidade de dor	55
Três Facets de Uma Mesma Dor	61
Quando a Dor é a Dor da Falta e o Objeto o Trabalho.....	63
O Valor do Ser Profissional e a Perda do Trabalho/Profissão.....	65
O COLORIDO NECESSÁRIO.....	68
A Primeira Criação	68
A Submissão.....	70
O Vazio.....	71

Como Manter o Colorido.....	72
A Criatividade Oprimida.....	73
A Situação das L.E.R.....	75
E Quando Falta o Trabalho.....	77
CONCLUSÃO	80
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

Tocando em Frente

(Almir Sater e Renato Teixeira)

“(...) conheccer as manhas e as manhãs
o sabor das massas e das maçãs
é preciso amor para poder pulsar
é preciso paz para sorrir
é preciso chuva para florir (...)
todo mundo ama um dia
todo mundo chora
um dia a gente chega
no outro vai embora
cada um de nós compõe a sua história
e cada ser em si
carrega o dom de ser capaz de ser feliz.”

INTRODUÇÃO

Há muito interessei-me pelo tema saúde mental e trabalho a partir de observações próprias, sem compromisso teórico. Em 1996 conheci o trabalho do Programa de Pesquisa Organização do Trabalho e Saúde Mental – OTSAM / IPUB – UFRJ e do Projeto de Assistência em Saúde Mental dos Trabalhadores – PRASMET que funciona dentro deste Programa. Em 1997 comecei a participar das atividades de assistência e pesquisa. Desde então, pude inserir-me nas atividades da Assessoria em Saúde do SINDPD-RJ¹ – Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados do Estado do Rio de Janeiro, exercida por este programa de pesquisa².

Uma das atividades desta assessoria é a de receber os trabalhadores da categoria que procuram este sindicato com questões relacionadas à saúde, objetivando orientação, encaminhamento e/ou acompanhamento em processo jurídico.

Em abril de 1998, a partir da escuta de muitos trabalhadores apresentando Lesões por Esforços Repetitivos (LER), em situações semelhantes de sofrimento, medo e insegurança, resolvemos então reuni-los em um só grupo, gerando a criação do que chamamos Grupo de LER³. Este grupo teve como objetivo, atendendo à demanda de discussão destes trabalhadores, oferecer um espaço onde isso pudesse acontecer acrescido de troca com outras pessoas em semelhante situação e com o acompanhamento técnico, visando minimizar o sofrimento psíquico destes profissionais. Os acompanhamentos individuais continuavam, era apenas mais uma opção de espaço oferecido pelo sindicato.

¹ Sindicato dos Trabalhadores em Empresas e Órgãos Públicos de Processamento de Dados, Serviços de Informática e Similares do Estado do Rio de Janeiro.

² Representada pela Dra Silvia Rodrigues Jardim.

³ Este grupo teve a duração de 5 meses e não houve demanda para a criação de um novo até o momento.

Desde então uma frase não me sai da lembrança: “O que fazer agora que perdi meu emprego e minha profissão?”. Estas são palavras de um dos participantes do grupo e que representa a maioria dos trabalhadores que nos procuram. São pessoas adoecidas pelo trabalho, quase sempre desempregadas, em busca de uma explicação, de uma ajuda e talvez de uma nova identidade.

No atual quadro sócio-econômico, onde o desempregado “saudável” não consegue colocação no mercado, o que podemos pensar da situação destes trabalhadores. A saúde é um direito, entretanto, o momento atual caracterizado principalmente pela reestruturação produtiva oriunda da globalização, implica em ameaça aos direitos trabalhistas conquistados e desemprego em massa. Não se pode negar que tal situação tenha consequências imediatas à saúde dos trabalhadores.

Em 27 de janeiro de 1998, saiu publicado no LE MONDE⁴ um artigo dos sociólogos franceses Pierre Bourdieu, Frédéric Lebaron e Gérard Maugé intitulado “A Causa dos Desempregados”, parte deste texto diz:

“(...) o movimento dos desempregados coloca em questão a divisão entre “excluídos” e “desempregados”: encaminhar os desempregados ao serviço social é lhes retirar seu estatuto de desempregado e fazê-los balançar na exclusão. Mas ele também obriga a descobrir, sobretudo, que um assalariado é um desempregado virtual, que a precarização generalizada (em particular dos jovens), a insegurança social organizada de todos aqueles que vivem sob a ameaça de um plano⁵, fazem de cada assalariado um desempregado em potencial.”(tradução feita pela equipe do OTSAM)

Este artigo trata da França, mas foi publicado na INTERNET sob a forma de um manifesto pois fala de um assunto que assombra várias outras nações.

No Brasil, em março desse mesmo ano, saiu um artigo no Jornal do Brasil com o título: “Sobreviventes da Globalização”. Este artigo, de Sandra Balbi, trazia a notícia de

⁴ Jornal francês de grande circulação.

que desde 1990 foram extintos três milhões de postos de trabalho e mostrava que quem está trabalhando, os sobreviventes das reengenharias e cortes de pessoal, trabalham suprimindo a falta dos que saíram. Continha números como os dos empregados do comércio que 52,6% ultrapassaram a jornada de trabalho no mês de janeiro daquele ano. Pesquisas do DIEESE (Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Econômicos) mostravam que o percentual de trabalhadores na Grande São Paulo que trabalha além da jornada legal de trabalho saltou de 27% no fim de 1988 para 47,4% no mês de dezembro de 1997. Enfim, o artigo mostrava o resultado desses números na saúde dos trabalhadores apontando vários casos exemplares. Pessoas com gastrite, varizes, problemas de pressão arterial etc., como diz na própria manchete do jornal: *“Trabalhadores que mantiveram emprego sofrem de neurose, gastrite, hipertensão”*.

Tenho certeza que seria uma tarefa sem fim se pretendesse mostrar os números oficiais e as manchetes dos jornais sobre o assunto. Entretanto, como falo do lugar da psicologia, pretendo aqui utilizar esses dados que tratam a realidade, principalmente de nosso país, não para fazer deste espaço um lugar de queixas ou denúncias, mas para tentar pensar que sofrimento é esse que assola nossos trabalhadores. De que forma o trabalho, e a falta deste, faz sofrer.

*Viver sob ameaça*⁶ é a sensação de quem vive uma guerra, e é esta a impressão que temos dos relatos feitos pelos trabalhadores por nós recebidos no sindicato. São trabalhadores-desempregados-adoecidos que buscam uma solução para uma situação sem solução, ou para a qual as soluções são precárias. Para o direito de assistência à saúde, ao auxílio doença oferecido pela Previdência Social é preciso garantir este estatuto, de doente.

⁶ Os autores referem-se a planos sócio-econômicos de governo.

É aí que se inicia o processo, na maioria das vezes longo e doloroso, de provar que é doente.

Este projeto é norteado por estas questões e tem como objetivo tentar encontrar na psicologia uma teoria que possa contribuir para uma prática mais atenta e especializada. Há uma grande demanda para que se construa políticas de prevenção e de tratamento para esta população.

Devido a dificuldade de se estudar a situação das Ler a partir de uma visão psicológica, o que implica em estudos sociais, que levem em consideração o trabalho e todas as repercursões na vida do sujeito, é precária a contribuição da psicologia neste campo. Entretanto, considerando que o aspecto psíquico está envolvido na forma como se instala e como se lida com as LER, tenho como objetivo tentar conhecer os caminhos que levam o sujeito trabalhador sofrer com o trabalho e com a falta deste. De que sofrimento fala o trabalhador que adoece pelo seu trabalho e pelo mesmo motivo o perde.

Desta forma, considere importante delimitar o campo de estudos da saúde mental e trabalho, que vem desenvolvendo várias pesquisas que tratam a relação sofrimento e trabalho. E em seguida faço um panorama do que é chamado LER, suas conseqüências e uma revisão bibliográfica de algumas produções sobre os fatores psicológicos envolvidos.

Tendo este trabalho o objetivo de pensar a situação do trabalhador adoecido de LER, e deste em situação de desemprego e perda da capacidade profissional., considere relevante utilizar autores que falam do atual momento sócio econômico e suas conseqüências na subjetividade. Trago as contribuições de Fredric Jameson, Zygmunt Bauman, Jair Ferreira dos Santos, Christophe Dejours e outros para tal fim.

⁶ Este é o título do texto publicado pela Assessoria em Saúde do SINDPD para a comunicação à categoria da existência do grupo de LER. Este parágrafo resume um pouco do pensamento contido naquela publicação.

Terei a teoria do psicanalista britânico D. W. Winnicott como ferramenta para tentar contribuir a este campo tão fértil de questões e de teorias que tentam pensar o sujeito. Este autor baseia sua teoria no sujeito como resultante de sua relação com o mundo, e sua teoria possibilita-nos fazer uma articulação com o conceito de *desgaste* lançado por Laurell e Noriega. Este conceito foi desenvolvido por Seligmann-Silva em sua teoria sobre trabalho dominado/alienado, no que se refere a utilização perversa das potencialidades psíquicas. Apesar destas teorias já apontarem para o psicológico, não estão articuladas diretamente com os aspectos psíquicos envolvidos nas situações das LER, o que se propõe este trabalho.

Em seguida, para falar do sofrimento, recorro ao psicanalista Juan David Násio e sua teoria sobre dor e amor para fazer uma reflexão sobre os registros do grupo de LER, que trago aqui em vinhetas.

Fecho essa seqüência de idéias com a contribuição da Teoria da Criatividade de Winnicott, para tentar entender de que forma o trabalho contemporâneo, com seu modelo de produção acelerado, produz efeitos nocivos à saúde do trabalhador.

O CAMPO

A questão do nexo de causa e efeito relacionado à saúde do trabalhador perpassa a saúde em geral. Encontramos dificuldades em comprovar a relação de doenças com a atividade exercida pelo sujeito/trabalhador, apoiadas por uma legislação no mínimo incompleta, até nas situações que se apresentam dentro da lógica médica como por exemplo: os fatores biológicos estabelecidos claramente nos casos de contaminação por mercúrio e outras substâncias. A ciência médica não necessita mais pesquisar para comprovar os efeitos de certas contaminações e seus respectivos tratamentos, mas quando se trata de uma contaminação em situação de trabalho parece que a lógica muda. Tenório⁷ nos oferece um reflexão sobre esse tema considerando que: *“A formação do profissional, a caracterização de doença profissional, os instrumentos diagnósticos, as condições de trabalho do próprio profissional de saúde, a regulação das relações de trabalho nesse aspecto, tudo isso obedece à lógica patronal.”*⁸

Este autor afirma que o conceito de doença profissional não é apenas da ciência, mas um conceito que advém da política. Tudo que está caracterizado como doença profissional é fruto de lutas políticas. Mesmo quando o nexo causal já está previamente estabelecido, é preciso ser discutido e provado para poder proteger o trabalhador, afirma Tenório.

Desta forma concluímos que a atuação do médico do trabalho tem, inevitavelmente, implicações políticas. Não cabe aqui entrarmos a fundo nessa discussão, mas é possível compreendermos que tal situação nos mostra que é um problema vindo desde a formação

⁷ Tenório, Luiz Roberto. “Formação em saúde do Trabalhador: especialização técnica e formação política” em Silva Filho, J.F. e Jardim, S. (1997).

⁸ op. cit.: 361.

profissional. Diante de tal situação o que acontece é que enquanto não se incorporar essas questões na legislação e levar essa dimensão política à formação acadêmica, ao treinamento dos profissionais de saúde, cada trabalhador terá que se defender, enfrentando sozinho a burocracia e o tempo exigido pela mesma.

Este quadro relatado acima trata da saúde em geral, pode-se imaginar como isto fica bem mais complicado quando se trata de saúde mental. O que não é palpável, visível aos olhos, para a medicina, não existe. Se as instâncias responsáveis por “cuidar” da saúde do trabalhador são médicas, doença mental e sofrimento psíquico são praticamente invalidados. A perícia, ao que me parece, tem como princípio, a idéia de que todo trabalhador quer “se dar bem”, explorar o Estado para adquirir benefícios próprios. Desta forma falar de dor psíquica passa a ter estatuto de mentira, embromação.

Portanto, é fundamental a delimitação de um campo de pesquisa multidisciplinar que proporcione à formação de profissionais uma visão crítica que possa repensar o que parece natural. Desta maneira, com profissionais que possam questionar a organização do trabalho, que possam escutar um trabalhador como um sujeito, e não apenas como “mão de obra” de trabalho. Entendendo que o trabalho, e a falta dele, pode adoecer, é que poderemos pensar em saúde no trabalho. Ter consciência de que pagar insalubridade e periculosidade, como nos chama atenção Tenório, é se apropriar da saúde do trabalhador de forma a viabilizar condições péssimas de trabalho.

O campo de estudos em saúde mental e trabalho objetiva fundamentar através de teorias, a partir de pesquisas teóricas e práticas, que o trabalhador é atravessado pela cultura, e que o trabalho é parte desta. O sujeito é constituído pela cultura assim como esta é constituinte para o mesmo.

Um Pequeno Panorama do Campo da Saúde Mental e Trabalho

Após a Segunda guerra mundial, na França, duas vertentes de reformulação psiquiátrica privilegiavam o trabalho, a de Le Guillant no Hospital Villejuif e a de Sivadon no Hospital Ville Evrouard. Surgiram então as principais correntes da psicopatologia do trabalho. A primeira, trabalhava na tentativa de identificar síndromes ou doenças mentais específicas causadas pelas exigências do trabalho. A Segunda, buscava compreender a relação do doente mental com o trabalho e as possibilidades deste como atividade terapêutica. Em comum havia a sensibilidade com relação ao sofrimento dos doentes mentais e dos trabalhadores além da preocupação com as relações humanas nos ambientes de trabalho.

Nos anos 60 a psicopatologia do trabalho passa por um período de questionamentos. Já na década de 70, emerge uma demanda social sobre as condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos trabalhadores menos qualificados. Nesta época há uma intensificação das pesquisas na área de saúde do trabalhador, em sua maioria pesquisas que assinalam a natureza social e/ou históricas do processo saúde-doença. Evidencia-se então um campo pluridisciplinar para o qual convergem e se articulam diferentes discussões e fenômenos.

A partir de estudos desenvolvidos junto a operários da linha de montagem da indústria automobilística e junto a telefonistas do serviço de informações, Christophe Dejours dedicou-se a estudar a gênese e as transformações do sofrimento vinculado ao trabalho. Isto é, abandona a tentativa de identificar uma doença mental causada pelo trabalho e inverte a questão na tentativa de entender como a maioria dos trabalhadores, apesar das exigências do trabalho, preserva seu equilíbrio psíquico. A normalidade é vista como uma luta constante para atingir um equilíbrio psíquico e não mais como ausência de

doença. É um resultado precário de estratégias de defesa que procuram resistir àquilo que, no trabalho, é desestabilizador ou nocivo ao funcionamento psíquico.

Estes estudos foram descritos em 1980 no livro "A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho". Tendo como objetivo explicar o campo não comportamental, Dejours parte da idéia central de que o sofrimento surge a partir da *organização do trabalho*, ou seja, a divisão do trabalho, o conteúdo das tarefas, o sistema hierárquico, as modalidades de poder etc. Este conceito se diferencia de *condições de trabalho*, que se refere às pressões físicas, químicas e biológicas do posto de trabalho, onde se focalizam os estudos de ergonomia e medicina do trabalho.

Mais tarde, em 1985, Dejours propõe uma nova direção a seus estudos, a psicopatologia do trabalho dá lugar à psicodinâmica do trabalho, que se preocupa com a dinâmica mais abrangente em relação à gênese e às transformações do sofrimento vinculados ao trabalho. A psicodinâmica do trabalho fundamenta-se na observação e escuta, realizadas em pesquisas de campo em que o trabalhador relata sua vivência no trabalho e as interferências desta em sua vida familiar e social, acarretando o surgimento de doenças relacionadas à vida laborativa. Este estudo está voltado, portanto, a entender quais são os mecanismos utilizados pelos trabalhadores, coletivamente, para lidar com o sofrimento psíquico relacionado à organização do trabalho.

Com esta modificação, o autor tenta privilegiar as relações intersubjetivas que se dão nas situações de trabalho. No lugar do patológico, passa a ter como objeto de estudo a normalidade. Assim, passa a entender a organização do trabalho como resultado de um processo complexo de negociações onde haveria um descompasso entre o trabalho prescrito e o trabalho real, aquele que realmente acontece.

Os estudos de Dejours podem ser considerados fundadores de uma teorização a respeito da relação de determinação entre sofrimento psíquico e trabalho. Psiquiatra e psicanalista francês, este autor vem se dedicando ao tema trabalho e saúde mental coordenando um grupo permanente de investigação neste tema, com o qual forma profissionais de várias partes do mundo.

Os Estudos no Brasil

No que se refere a estudos no campo da saúde mental e trabalho Seligmann-Silva é considerada pioneira no país. Há cerca de vinte anos vem se dedicando a estes estudos, privilegiando uma abordagem qualitativa das relações entre saúde mental e atividade laborativa. Desenvolveu estudos junto aos metalúrgicos de Cubatão, a bancários e a metroviários, que se tornaram paradigmáticos para uma articulação bem sucedida entre estudos acadêmicos e luta sindical por melhores condições de trabalho.

Em seu livro "Desgaste Mental no Trabalho Dominado" (1994), esta autora, a partir dos discursos dos operários de Cubatão, aponta as principais fontes de tensão que são: as jornadas prolongadas de trabalho, o trabalho em turnos alternados, ritmo acelerado, tempo de descanso insuficiente, hierarquização rígida, sistemas rígidos de controle de desempenho, desvio de função e acúmulo de função. Seligmann-Silva chama a atenção para o fato de que as fontes de tensão surgem, em geral, de forma integrada. Do ponto de vista teórico a autora discute algumas abordagens deste campo como a teoria do estresse, a da psicodinâmica do trabalho e do desgaste.

A autora sustenta a teoria do desgaste, de Laurell e Noriega, acreditando ser o modelo mais abrangente e integrador do conhecimento produzido neste campo⁹. Este conceito designa algo como uma perda, tanto corporal como psíquica, de uma capacidade potencial e/ou efetiva, e acrescenta a idéia de que *“no trabalho alienado há uma utilização deformada e deformante das potencialidades psíquicas, assim como do próprio corpo”*. (Seligmann-Silva, 1994: 79)

Segundo esta autora a idéia de deformação implica na perda de um estado anterior mais satisfatório e valorizado, sendo uma transformação negativa, pois, de acordo com as idéias de Laurell e Noriega, o componente desgastante do trabalho é maior do que o da reposição e desenvolvimento das capacidades.

Seligmann-Silva tenta identificar, a partir de suas pesquisas, como se dá a constituição do desgaste, e conclui:

“A dominação no trabalho foi, assim, identificada como aspecto nuclear na constituição do desgaste, pois a dominação que ataca a dignidade e fere a autonomia da individualidade é a mesma que produz rupturas no mundo mental e psicossocial, atingindo a estabilidade psicossomática. Foi possível verificar que os fios que tecem a dominação fabricam, ao mesmo tempo, o sofrimento, na medida que a dominação esmaga a identidade e aprisiona a alma no medo. A exploração produz exaustão e a exaustão obscurece a consciência, abrindo caminho à alienação.” (op. cit.: 40)

Para Cardoso (1997) Seligmann-Silva erige um tripé de referência teórica integrador de conhecimentos. Além do conceito de desgaste, acrescentou o conceito de identidade em processo, ou seja, em permanente transformação mediada pelas experiências laborais, e o de economia psicossomática, apresentado pela autora como sendo a densa integração existente entre processos mentais e orgânicos.

⁹ Seligman-Silva, 1994: 78.

Atualmente a autora desenvolve uma extensa pesquisa sobre as inter-relações do desemprego de longa duração (D.L.D.), com as questões de saúde mental e ocupacional¹⁰.

Ainda no Brasil, há muitos estudos que buscam apurar os diferentes discursos acerca do trabalho e da saúde mental na tentativa de elaborar um modelo teórico que seja sensível às diferenças entre os trabalhadores. Nesse sentido é possível citar alguns trabalhos de pesquisadores, que em um esforço teórico e metodológico, vêm produzindo um vasto conhecimento relacionado às questões do sofrimento psíquico no mundo do trabalho, tais como: Silva Filho e col.. (1992); Jardim (1994); Moulin (1996); Cardoso (1997); Ribeiro da Silva (1998); Menucci, (1998); Borges (1999), além de outros.

¹⁰ Parte deste trabalho encontra-se publicada no livro: Silva Filho, João Ferreira e Jardim, Silvia R. (1997).

LER: DOENÇA INVISÍVEL – SOFRIMENTO IRRECONHECÍVEL

Em 1700, sem a preocupação de contabilizar casos, apenas através de uma observação sensível e atenta às queixas e frequência, Ramazzini descreve certas afecções dos escreventes, que ficaram conhecidas como câimbra dos escrivães.

"Três são as causas das afecções dos escreventes: primeira, contínua vida sedentária; Segunda, contínuo e sempre o mesmo movimento da mão; terceira, a atenção mental para não mancharem os livros e não prejudicarem seus empregadores nas somas, restos ou outras operações aritméticas. Conhecem-se facilmente as doenças acarretadas pela sedentariedade: obstrução das víceras, como fígado e baço, indigestões do estômago, torpor nas pernas, demora do refluxo do sangue e mau estado de saúde. Em suma, carecem esses operários dos benefícios que um moderado exercício promove, mas a que não podem se dedicar, ainda que queiram, pois fizeram contrato e precisam cumprir sua jornada de escrita. A necessária posição da mão para fazer correr a pena sobre o papel, ocasiona não leve dano que se comunica a todo o braço, devido a constante tensão tônica dos músculos e tendões e, com andar do tempo, diminui o vigor da mão." (Ramazzini, [1700] 1971)

No Brasil, foi somente no início de 1982 que um representante da CIPA¹¹ do Centro de Processamento de Dados do Banco do Brasil de Porto Alegre, a partir da observação de que um grande número de digitadores estava com o braço engessado tendo o mesmo diagnóstico de tenossinovite, iniciou uma luta para que tal problema fosse reconhecido diante de sua relação com o trabalho. Esta luta levou à criação da sigla L.E.R. (Lesões por Esforços Repetitivos) com o objetivo de identificar um conjunto de doenças que atinge os músculos, tendões e nervos dos membros superiores, e que têm relação direta com as atividades laborais que exigem do trabalhador movimentos repetitivos, continuados, rápidos e/ou vigorosos, durante um longo período de tempo¹².

¹¹ Comissão Interna de Prevenção de Acidentes.

¹² Ribeiro, 1997.

Cinco anos mais tarde, em 6 de agosto de 1987¹³, a tenossinovite foi reconhecida pelo Ministério da Previdência como doença ocupacional. Tal reconhecimento se deu devido a luta dos Sindicatos dos Trabalhadores em Processamento de Dados diante do crescente número de digitadores com esta doença. Ao perceber que inúmeras categorias e atividades com incidência de LER não estavam protegidas pela Portaria, os sindicatos elaboraram uma proposta de Norma Regulamentadora. Esta proposta deu origem a NR17 que fixa limites para empresas onde há postos de trabalho com esforço repetitivo, ritmo acelerado e posturas inadequadas. Em março de 1993, a Previdência Social publicou norma técnica com os procedimentos para sua perícia médica realizar avaliação da incapacidade em pessoas com suspeita de LER.

Atualmente o INSS utiliza a sigla DORT em substituição a LER¹⁴. Esta nova sigla DORT (Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho) é uma nomenclatura baseada no termo em inglês *Work-Related Musculoskeletal Disorders*, que enquadra estes distúrbios na categoria das doenças relacionadas ao trabalho, proposta pela Organização Mundial de Saúde.

Entretanto, existe uma dicotomia entre as chamadas doenças profissionais e as doenças relacionadas ao trabalho. Na primeira o nexos causal entre fator de ambiente de trabalho e efeito à saúde é imediatamente realizado, enquanto na segunda, cujo nexos causal por ser mais complexo e multifatorial é mais difícil a comprovação.

Em relação às LER, o fato de ter um caráter multifatorial, de ser uma sigla que agrupa várias doenças e que estas podem ocorrer sem que sejam relacionadas ao trabalho

¹³ Segundo Manual sobre LER distribuído pelo SIDPD-RJ.

¹⁴ Essa nomenclatura é ainda utilizada pelo CID-10/1993 (Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) da Organização Mundial da Saúde, no Capítulo XIII – Doenças do Sistema Osteomuscular e do Tecido Conjuntivo.

(como exemplo o cisto senovial, que pode derivar, ou não, de processos repetitivos) vem dificultando a identificação (ou facilitando o não reconhecimento) e portanto, a prevenção e tratamento destes distúrbios. Apesar das características diversas não se pode deixar de lado as atividades exercidas pela pessoa, levando em conta que há um acentuado número de prevalência nos processos repetitivos de trabalho. A outra dificuldade encontra-se no fato de ser um quadro iniciado por dor, que nem sempre apresenta uma marca física¹⁵, sendo portanto mais um agravante para o reconhecimento do fato, que é um sinal do esgotamento, do desgaste do trabalhador em esforços repetitivos

Portanto, continuarei aqui utilizando o termo LER tanto para acompanhar a literatura existente sobre o tema como, concordando com Borges (1999), acredito que esta mudança apoia as dificuldades já existentes para identificação e prevenção destes distúrbios, apesar do crescente número de trabalhadores adoecidos. Foi através da sigla LER que esta doença chegou ao conhecimento dos trabalhadores, da população em geral, e que se tem lutado para conquistar os direitos da saúde do trabalhador.

Quase três séculos depois da observação de Ramazzini, as LER têm sido consideradas como uma das doenças ocupacionais mais importantes da atualidade. Tal doença constitui hoje, no Brasil, a principal causa de afastamento por doença relacionada ao trabalho.

Apesar das conquistas perante a legislação e da aparente lógica no que diz respeito a causa, ainda assim, persistem as resistências quanto ao reconhecimento da doença e suas relações com o trabalho. Médicos do trabalho não estabelecem nexos causais negando a

¹⁵ O processo pode, inicialmente, não apresentar alterações nos exames de ultrassonografia e eletromiografia, que são os mais utilizados para se fazer o diagnóstico.

emissão da CAT¹⁶, peritos do INSS desmerecem laudos dos médicos assistentes além de protelar com seus laudos e decisões.

A partir de minha experiência no sindicato, passei a considerar que os médicos do trabalho são realmente “do trabalho”, ou seja, cuidam da saúde das empresas em detrimento da saúde de seus funcionários. Ao negar o nexo de causa e efeito de uma doença com a atividade de trabalho exercida, retira do trabalhador as poucas possibilidades de exercer seus direitos legais. Retiram-lhe a única via de minimizar seu sofrimento: o reconhecimento por parte da empresa de que foi seu esforço e dedicação que o fez adoecer. Negando a emissão da CAT o médico do trabalho desprotege o trabalhador, condenando-o à angústia do medo da exclusão.

Por outro lado, os trabalhadores que precisam enfrentar a luta de tentar provar que estão doentes, esperando muitas vezes anos diante da burocracia da Previdência Social, sofrem do que chamo de TPP - Tensão Pré Perícia. Estes trabalhadores apresentam uma enorme ansiedade no período que precede a perícia, sentem-se em vésperas de um julgamento que decidirá o destino de suas vidas. São pessoas já marcadas pela dor e a insegurança de quem adoece pelo trabalho afetando perspectivas de vida já estabelecidas, em geral, por anos de trabalho. Os peritos, muitas vezes, desdenham a dor, física e psíquica, de tais trabalhadores.

Esta forma um pouco lúdica de referir-me a fatos tão importantes não impede que seja possível perceber com clareza, que também os médicos do trabalho são trabalhadores e que sofrem as respectivas pressões da organização do trabalho. Estes profissionais, por vezes, relatam ao trabalhador ao qual estão atendendo, que precisam garantir seus empregos. Esta é uma questão a ser discutida pela via da ética profissional e pessoal, mas

¹⁶ Comunicação de Acidente de Trabalho.

que não encontra-se nos objetivos deste trabalho. Acredito que este assunto deva ser pensado separadamente, assim como também a situação dos peritos. Aqui cabe apenas deixar claro que não podemos abrir mão de questionarmos e pensarmos as organizações do trabalho que adoecem, levando trabalhadores à exclusão.

Portanto, mesmo tendo um óbvio componente físico-mecânico, a gênese e os efeitos das LER não podem ser reduzidas a esta dimensão, sendo absolutamente necessário considerar os aspectos psíquicos envolvidos. Acredito que só assim poderemos oferecer alguma contribuição para tal situação que aflige o atual mundo do trabalho. Nas palavras de Borges (1999: 1) *“As LER mostram o limite do desgaste humano decorrente das exigências dos atuais modelos de produção.”*

Algumas Considerações Sobre o Psicológico: uma revisão bibliográfica

Dejours (1980) estudou os impactos do trabalho repetitivo sobre a saúde mental e afirma que este tipo de trabalho leva à submissão do corpo à máquina e a pouca valorização dos desejos e conhecimentos dos trabalhadores. Para este autor, na situação do trabalho repetitivo há uma exploração do sofrimento psíquico na medida em que se bloqueia o pensamento e acelera o ritmo de trabalho, em vistas de atender às necessidades de produção.

Antunes Lima (1998) discorre sobre os aspectos psíquicos envolvidos na gênese e no desenvolvimento das LER fazendo uma cuidadosa análise de teorias que pudessem dar conta de tal dimensão e inicia seu texto com a questão: *“o que justifica a busca de fatores psicológicos envolvidos na compreensão de uma doença cuja gênese, baseada em traumas mecânicos sucessivos, parece mais do que esclarecida?”* E argumenta: *“o diagnóstico estaria resolvido e a prevenção passaria pelas medidas ergonômicas tradicionais*

(mudanças no mobiliário e no equipamento) e pelo estabelecimento de regras quanto aos níveis de produção exigidos, pausas, tempo de trabalho e formas de pagamento.”¹⁷

Acreditando que por não se levar em conta as questões psíquicas relativas às LER, talvez se explique o fato de que as soluções voltadas exclusivamente para os fatores ergonômicos não têm apresentado resultados positivos. Esta autora afirma que somente após a compreensão desta doença em toda sua complexidade é que será possível estabelecer medidas preventivas mais eficazes, que tentem dar conta dos problemas relativos às condições e à organização do trabalho.

Nessa direção, Antunes Lima lançou mão da psicossomática francesa de Pierre Marty e de Christophe Dejours, na tentativa de encontrar recursos teóricos que pudessem dar conta de como estas duas instâncias, o somático e o psíquico, se articulam. Entretanto acredita que a teoria sustentada por Marty oferece alguns problemas, afirmando que este autor desconsidera os fatores sociais, históricos, econômicos e políticos na compreensão do adoecimento, supervalorizando os seus determinantes psíquicos. Sua maior crítica está no fato de considerar que esta teoria da escola de Marty tem caráter especulativo¹⁸, e não apoia as conclusões na realidade.

No que se refere a Dejours afirma que este, apesar de ter rompido com a escola de Marty considerando-a abstrata, oferece problemas semelhantes. Segundo a autora esta conclusão é oferecida pelo próprio Dejours quando afirma que toda sua discussão tem o inconveniente de permanecer fundamentalmente especulativa. Entretanto, Antunes Lima

¹⁷ Antunes Lima, 1998: 201.

¹⁸ A autora faz um adendo referindo-se a J. Chasin (O Estatuto Ontológico e Resolução Metodológica in: Pensando com Marx, ed. Ensaio, 1995) que define especulação como “a tentativa de deduzir uma compreensão do mundo através de uma razão auto sustentada”.

reforça a importância das contribuições da Psicopatologia do Trabalho de Dejours com seus estudos sobre os impactos do trabalho repetitivo na saúde mental dos trabalhadores.

Contribuições ou Contraposições

Antunes Lima cita o trabalho de Almeida, uma psicanalista que a partir de sua experiência em consultório onde atendeu alguns bancários com LER, estabeleceu uma série de semelhanças entre estes pacientes concluindo que se tratavam de casos de personalidades histéricas. Ou seja, passa a considerar que os quadros de LER são conversões histéricas, afirmando que existem características emocionais determinantes dos quadros de LER. Esta autora apoia-se em uma psicanalista australiana (Lucire Yolandê) que desconsidera as LER como lesões, além de utilizar-se da teoria de Freud para justificar sua idéia de poder curar portadores de LER através da rememoração dos eventos traumáticos que estariam na origem de seus sintomas. Almeida afirma que esta doença revela a impotência do indivíduo que é incapaz de simbolizar, reafirmando a idéia de que os fatores psicológicos são determinantes da doença. A autora descarta a repetitividade das tarefas e os fatores ergonômicos como estando na origem de tal doença, afirmando:

“A repetição dos atos é determinada pela necessidade de compreensão de algo que não foi transposto ao registro simbólico” e acrescenta: “através dessa doença o indivíduo/trabalhador está repetindo algo; com esta repetição ele está expressando algo, conseqüentemente, está falando através do seu inconsciente”. (Almeida 1995 citado por Antunes Lima, 1998: 211)

Para Almeida se o problema fosse a repetitividade essas doenças existiriam há muito tempo e cita o caso das linhas de montagem, mostrando seu total desconhecimento

sobre o assunto. Afirma então que estes aspectos não pertencem a seu campo de estudos, justificando não se interessar por outras possibilidades de causas.

Antunes Lima faz uma extensa análise do artigo de Almeida e conclui que trata-se de mais um trabalho de caráter especulativo. Considera que as conclusões de Almeida são o que pode se chamar de uma contribuição indesejável, porque além de reforçar o viés especulativo, contribui para a possibilidade de culpabilização do próprio doente por sua doença, afirmando que existe um perfil psicológico que estaria na origem da doença. Por último, Almeida coloca que existe uma maior incidência de LER em mulheres, e acredita que este fato se dá pela própria estruturação da personalidade feminina.

Pesquisas atuais (Borges 1999, Cândido e Neves 1997) mostram que é falsa a afirmação de que estas doenças são principalmente femininas. Na prática, o que se observa é que a maioria dos postos de trabalho onde há repetitividade, posturas inadequadas e sobrecarga muscular é destinada às mulheres. Além de se observar o fato de que as pressões por parte dos encarregados para uma maior atenção e produtividade é muito maior em relação às mulheres.

Dados oferecidos por Ribeiro (1999) sobre a presença de casos de L.E.R. no Banco do Estado de São Paulo (BANESPA) no ano de 1994, na distribuição por gênero, mostram uma predominância feminina importante. De uma população de 23.891 trabalhadores na escala hierárquica inferior do Banco, 13.239 (55,4%) mulheres e 10.652 (44,6%) homens, a ocorrência de L.E.R. foi de, respectivamente, 7,3% para 2,4%. Ribeiro conclui, a partir de tais dados e da referência de outros autores, que as pesquisas sobre a ocorrência de L.E.R. por gênero devem ser estimuladas, mas que para ele, a patogenia que está na gênese desse adoecimento está no trabalho. E coloca que: "*Meramente especulações ou impressões podem*

ganhar contornos discriminatórios contra a mulher e a força de trabalho feminina, reduzindo ainda mais seu valor.” (Ribeiro, 1999:128-129).

Antunes Lima conclui seu trabalho afirmando que a psicologia, em geral, não tem sido bem sucedida nas suas tentativas de compreensão da gênese das LER devido ao caráter especulativo da maioria de seus estudos. Propõe uma compreensão do trabalho real, ou seja, o trabalho efetivamente realizado, trazendo à tona a experiência cotidiana dos trabalhadores e suas relações concretas de trabalho.

A Contribuição de Ribeiro

Este autor, em seu livro publicado em 1999, “*A Violência Oculta no Trabalho: as lesões por esforços repetitivos*”, nos traz um excelente esclarecimento tanto sobre as L.E.R., como sobre a situação sócio econômica em que esta doença está inserida, ou de onde ela surge.

Ribeiro coloca que com o advento das novas tecnologias, as máquinas automatizadas, e com a nova organização, mudaram a natureza das exigências do trabalho. Hoje os corpos continuam sendo exigidos como nos ciclos anteriores da produção capitalista, mas com características e respostas diferentes. O corpo sai pouco do lugar e os esforços são, agora, leves, contínuos e rápidos, o que dá a impressão de serem inofensivos. Essa baixa quantidade de força muscular e os movimentos repetitivos, estão, entre outros, colocados por este autor como responsáveis pela intensidade e ritmo acelerado dos atuais processos de produção e aumento da produtividade. Esse tipo de trabalho se caracteriza por ser atento, tenso e intenso, e a cabeça e os olhos precisam seguir os passos rápidos da produção, enquanto que: “*as mãos se movimentam mais que o resto do corpo e os braços*

as acompanham ou se colocam em posturas mais ou menos rígidas para que elas executem as tarefas prescritas". (Ribeiro, 1999: 93)

É nesse quadro que se encontram as L.E.R., que Ribciro conclui não serem causadas pela automação dos processos de produção, como também não são as novas tecnologias que causam o desemprego. Portanto:

"A patogenia não está neles, mas na sua apropriação, incorporação e uso, e também na inerente reorganização do trabalho que o patronato impõe e as gerências e chefias administram, sem preocupação maior com as repercussões sociais e sobre a saúde dos que realizam o trabalho". (Ribeiro, 1999:95).

Para este autor a multicausalidade não pode ser negada, é por ela que passa o reconhecimento das L.E.R. como doença relacionada ao trabalho, mas é importante perceber que ela se mostra insuficiente para explicar as L.E.R., e outras doenças, não pelo que ela identifica, mas pelo que acaba ocultando e embaraçando.

Uma Experiência com Caixas Bancários: a pesquisa de Borges

Em estudo realizado junto a Caixas bancários com o objetivo de estabelecer relações de determinação entre organização do trabalho em processos repetitivos, sociabilidade no trabalho, sofrimento psíquico e LER, a partir de uma metodologia que utiliza a combinação entre métodos e técnicas quantitativos e qualitativos, Borges (1999) destaca que o perfil de problemas de saúde apresentados nesta categoria ressalta o caráter do desgaste destes trabalhadores por evidenciar sintomas e distúrbios associados à fadiga, ao comprometimento osteomuscular e à esfera psicoemocional. Estes sintomas apresentam forte associação entre si e os trabalhadores que apresentam sintomas de LER tiveram maior índice de sintomas psicoemocionais, obtidos através do SRQ-20 (Self-Report

Questionnaire), que é um instrumento utilizado para detectar distúrbios não psicóticos em comunidades.

Para este autor as LER:

“aparecem como produto de processos e formas de organização do trabalho que implicam, de um lado, na valorização moral e salarial daqueles que buscam ‘superar-se’ no trabalho e ‘vencer os próprios limites’ e, de outro lado, um grupo que se distingue na organização por sua competência, resultando na sujeição incondicional dos trabalhadores aos interesses de aumento da produtividade da empresa”. (Borges, 1999: 193-4)

É possível encontrar na prática de atendimento aos trabalhadores a afirmação de que “só adoece quem trabalha”. É muito comum nos depararmos, com um certo tom de indignação e surpresa, com os comentários: tal pessoa era a melhor da área; fulano ganhava prêmio por produção; aquele colega é que era requisitado sempre para os trabalhos extras etc.. Tais fatos só nos confirmam a forte associação do que consideramos como “pressão” no trabalho ao surgimento das L.E.R.. São as pessoas mais dedicadas, aquelas que “vestem a camisa da empresa”, ou seja, as pessoas que realmente são atingidas pela pressão e inseridas nos atuais modelos de produção, que adoecem mais.

Os problemas com chefias como fonte de tensão e cansaço e as ameaças de corte de pessoal e desemprego, são variáveis destacadas por Borges por estarem correlacionadas tanto à ocorrência de distúrbios mentais menores quanto de LER. Estas variáveis, segundo o autor, resultam de um dos eixos centrais da organização do trabalho – a avaliação de competência por parte da chefia e ameaça de exclusão. Em suas palavras: *“As LER podem ser entendidas como a expressão patológica em nível físico e psíquico dos conflitos na organização do trabalho e subjetividade”*.¹⁹

¹⁹ op. cit.: 195.

AFLIÇÃO DA PÓS-MODERNIDADE

Seja qual for o nome que se dê para falar da atualidade, marcada principalmente pela Globalização, fica evidente que ela vem trazendo transformações importantes nas subjetividades. Tanto o homem que tenta se adaptar a esse novo formato de vida, como as crianças que crescem nesse atual modelo, são motivos hoje de estudos que tentam entender as mudanças e talvez identificar os aspectos negativos e positivos que se apresentam.

Tais modificações estão claramente colocadas no mundo do trabalho, e tentaremos aqui pensar quem é o trabalhador de hoje neste contexto em que está inserido.

Pós-Modernismo

Em 1947 o termo Pós-Moderno foi pela primeira vez empregado pelo historiador Toynbee. Este é o nome dado às grandes transformações ocorridas desde os anos 50, no pós-guerra, referindo-se a todos os segmentos da sociedade contemporânea.

Fredric Jameson (1997), a partir das formulações do economista Ernest Mandel, batiza de Capitalismo Tardio o terceiro estágio do sistema capitalista (agora oficialmente batizado de globalização), considerando os três estágios: Capitalismo de mercado, o Capitalismo monopolista ou imperialista e Capitalismo multinacional. Segundo Jameson, Mandel acredita que os pré-requisitos tecnológicos básicos para este terceiro estágio do capitalismo estão colocados desde o final da Segunda Guerra Mundial. Alguns dos efeitos desta guerra foram a reorganização das relações internacionais, uma aceleração da descolonização, além de lançar bases para a emergência de um novo sistema econômico. Desta maneira, a preparação econômica do pós-modernismo iniciou-se nos anos 50, após terem sido solucionadas a falta de bens de consumo e de peças de reposição do período pós

guerra. Nesta época puderam ser introduzidos novos produtos e novas tecnologias. Em relação à cultura, Mandel afirma que as pré-condições podem ser encontradas nas grandes transformações sociais e psíquicas dos anos 60.

Da mesma forma Santos, que em 1998 lançou o livro de bolso “O Que é Pós-Moderno”, esclarece que as transformações ocorridas nas artes, nas ciências e nas sociedades que se deram no período considerado como fim do modernismo, que por convenção datou de 1900 a 1950, é que são consideradas pós-modernas. Nas palavras do autor:

“Este período nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia, durante os anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programado pela tecnociência (...) sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural”. (Santos, 1998: 7-8)

Segundo este autor, foi nos anos 70-80 que o pós-modernismo popularizou-se, chegou aos jornais e revistas, mas simbolicamente nasceu quando a bomba atômica explodiu sobre Hiroxima, e historicamente veio à luz ao final dos anos 60, período em que irromperam realizações decisivas na ciência, na arte e na sociedade. O cotidiano pós-moderno é eclético, uma mistura de estilos, que forma um novo estilo de vida. De acordo com Santos, os elementos que povoam esse novo cotidiano giram em torno de um só eixo; o indivíduo pós-moderno consome bens e serviços, vive em busca da satisfação aqui e agora, e é apaixonado por si mesmo, norteados pela moral do prazer. *“É o individualismo decorado pelo narcisismo”* (op. cit.: 87)

Globalização

Quanto à Globalização, Santos considera que é o nome dado à expansão global da forma mercadoria, dos grandes desenvolvimentos tecnológicos, principalmente a rede mundial de computadores – Internet. É um período de dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informações. Estas transformações de ordem política, econômica, cultural, social e tecnológica, estão todas interligadas, são interdependentes. É através do desenvolvimento tecnológico que se dá a rapidez no deslocamento do capital e das informações, características básicas da globalização.

Todos estamos em movimento, mesmo que fisicamente imóveis. Essa é a tônica do mundo que se encontra em permanente mudança, e que não nos oferece a opção de ficarmos inertes. Contudo, não significa que os efeitos dessa condição sejam iguais para todos. No mundo em que os chamados globais ditam as regras do jogo da vida, não é agradável que alguns possam acompanhar esse ritmo e outros não. Se “fixar em sua localidade” pode ser sinal de privação e degradação social, segundo o sociólogo inglês Zygmunt Bauman que afirma:

“... para alguns, ‘globalização’ é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, ‘globalização’ é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível” (Bauman, 1999:7)

É possível dizer que a globalização expressa uma nova onda de expansão do capitalismo. Porém, apesar de ser um movimento que parece sustentar-se apenas em interesses econômicos, não pode ser resumido desta maneira, como um fenômeno somente da economia. A globalização é simultaneamente um processo político e econômico que abrange todos os segmentos da sociedade contemporânea. Este fenômeno parece estar

fundamentado pela nova versão do liberalismo clássico, o chamado neoliberalismo, onde os princípios de liberdade, justiça e democracia se dão a partir da expansão da economia.

Na nova conformação mundial os poderes dos Estados em relação às regulações das forças de mercado parecem estar diretamente relacionados com o aumento do poder dos países desenvolvidos, o que pode ser visto através das ações conjuntas entre Estados e empresas multinacionais.

Em entrevista ao Jornal do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal no Estado do Rio de Janeiro – PÚBLICO, em agosto de 1999, o sociólogo James Petras, professor e pesquisador da *State University of New York*, revelou sua opinião sobre a chamada globalização. Juntamente com Noam Chomski, estuda a construção de um nova sociedade socialista, que teria como base um nova cultura de participação ativa e, com os mesmos valores de igualdade, um novo internacionalismo, segundo o jornal.

Para Petras, surgiu nos anos 70 essa ideologia globalizante como expressão editorial para retratar a expansão e conquista de mercados multinacionais. Então, foram elaboradas diversas definições acadêmicas com o intuito de teorizar a inevitabilidade histórica da globalização. Ele considera essa idéia de globalização suspeita no que diz respeito a dita incorporação universal, considerando que não existe e tampouco há distribuição de benefícios. O que se vê, em sua opinião, são:

“...credores ricos e devedores falidos; especuladores super-ricos e trabalhadores desempregados e pauperizados; estados imperialistas que dirigem as instituições financeiras internacionais e estados subordinados que se submetem aos ditames daqueles. A própria idéia de globalização é questionada em virtude do caráter cíclico de sua história, pois não existe essa tendência inevitável.” (Petras, 1999: 14)

Petras considera que a intelectualidade de esquerda incorporou esse enfoque teórico imperialista ao seu vocabulário, afastando-se dos paradigmas críticos socialistas, o que está

vinculado ao declínio e derrota dos movimentos sociais e políticos revolucionários. Resultando em uma forte ligação à ascensão das elites exportadoras e financeiras. Esse recuo da intelectualidade de esquerda tem como consequência a desorganização do movimento popular, o que leva ao fortalecimento das classes imperialistas dominantes. Desta forma, diz:

“Existe um interação dialética entre o poder imperialista, a ideologia globalizante e as políticas revolucionárias socialistas; a ascensão do imperialismo está diretamente relacionada à propagação do discurso da globalização e ao eclipse do referencial revolucionário.” (Petras, 1999: 14)

O sociólogo chama a atenção para algumas mudanças objetivas nas instâncias de poder conseqüentes dos efeitos do recuo da chamada intelectualidade de esquerda diante do enfoque teórico da inevitabilidade da globalização, do discurso imperialista. Para Petras, em virtude dos sucessos políticos e econômicos, essas mudanças foram *“catalisadas pela capitulação ideológica dos ex-intelectuais de esquerda, que semeou a confusão no seio do movimento popular”*. Cita como exemplo o Presidente Fernando Henrique Cardoso e alguns dos ex-intelectuais de esquerda que encontram-se em ascensão social e econômica no setor privado ou atuando *“confortavelmente instalados, em ONGs bem estruturadas.”*

Para o filósofo brasileiro Leandro Konder (1999), a declaração do nosso atual Presidente da República de que não governaria com base em seus escritos no passado como sociólogo, seria explicitada pelo fato de que o reformismo do Presidente é parte desse processo de submissão que a força do capital condiciona. Konder afirma que se Fernando Henrique Cardoso fizesse uso de seus escritos, *“...teria se amarrado na própria corda que teceu”* (Konder, 1999: 4).

Contudo, aqui nos interessa pensar que com a diminuição dos poderes do nosso Estado cresce a influência de mecanismos econômicos na determinação de políticas sociais. Talvez, concordando com Petras, as soluções para os desconfortos da atualidade, passem por uma recuperação e reconstrução de nossos elementos teóricos, de forma a aprender a inverter os atuais valores impostos.

Para Konder, o que nosso país está vivendo é parte integrante de uma experiência mundial, de uma história que tem como matrizes diversos países hegemônicos, que se funde com a história do próprio Capitalismo, que promoveu uma mundialização criando mercados que vinculam as economias de diversos países. Considera que o sistema do Capitalismo foi montado com muita eficiência, garantindo um aumento quantitativo de produção, e no que diz respeito aos efeitos desse sistema considera perversos, pois das já existentes desigualdades naturais, criou novas, que são extremadas, artificiais e sociais.

O Individualismo Pós-Moderno

De acordo com Santos (1998), existem palavras-chave para caracterizar o que é pós-moderno como: chip, saturação, sedução, niilismo, simulacro, hiper-real, digital, desreferencialização etc. As mesmas dificilmente serviriam para descrever o mundo moderno, que poderia ser reconhecido por outras como: energia, máquina, produção, proletariado, revolução, sentido, autenticidade. Apesar das diferenças, o autor afirma que não se pode dispensar, para falar em pós-modernismo, conquistas que remetem ao modernismo como: o aço, a fábrica, o automóvel, a arquitetura funcional, a luz elétrica. *“Assim, no fundo, o pós-modernismo é um fantasma que passeia por castelos modernos”*²⁰.

²⁰ Santos, 1999: 18.

A sociedade industrial descende da máquina, produtora de artigos em série, e é a ela que pode ser creditado o progresso das nações capitalistas, fundado nas fábricas, ferrovias, na navegação, aviação, televisão etc.

Neste contexto nasce o indivíduo burguês, amparado pelo crédito ao consumidor e pela publicidade, um sujeito livre e empreendedor que tinha como inimigo o operário revolucionário. Neste cenário surge a razão técnico-científica²¹, fazendo recuar a tradição, a religião e a moral, ditando novos valores mais livres, urbanos, que acompanhassem o progresso social.

A partir dos anos 50 essa imagem de civilização assentada na produção e na máquina, sociedade moderna industrial, modifica-se rumo à sociedade pós-industrial, mobilizada pelo consumo e informação. Com o lema de facilitar a vida das pessoas, essa sociedade é programada e submetida pela tecnociência para produzir mais e mais rápido. *“O mundo se pulveriza em signos, o planeta é uma rede pensante, enquanto o sujeito fica um nó de células nervosas a processar mensagens fragmentárias”*²².

Para este autor, o sujeito pós-moderno não possui o estilo militante, sua participação é mais branda, expressando apenas questões individuais. Este sujeito renuncia aos temas da sociedade industrial, como Revolução, Democracia Plena e Ordem social. Este sistema parece não mais valorizar os mecanismos de luta da modernidade como Sindicalismo e Partidarismo. Nestes tempos, a revolução é somente no cotidiano. Em suas palavras:

“O individualismo atual nasceu com o modernismo, mas seu exagero narcisista é um acréscimo pós-moderno. Um filho da civilização industrial, mobilizava as massas para a luta política; o outro, florescente na sociedade pós-industrial, dedica-se às minorias – sexuais, raciais, culturais - , atuando na micrologia do cotidiano.” (Santos, 1998: 18)

²¹ Op. cit.: 22.

²² Santos, 1998: 26.

Nasce então o que este autor chamou de “neo-individualismo pós-moderno”, no contexto em que o sistema só oferece como horizonte o consumo e a atuação no cotidiano. Viver sem projetos, ideais que sejam além de sua própria imagem visando a satisfação individual, são características deste sujeito, que é: “*Narcisista e vazio, desvolto e apático, ele está no centro da crise de valores pós-moderna*”²³.

O Medo que Assombra o Cotidiano

Baseado na idéia de banalização do mal desenvolvida por Hannah Arendt ao afirmar que Eichmann não era um monstro, mas um homem comum que pode ser encontrado em qualquer lugar, Dejours intitula seu livro de *Banalização da Injustiça Social*. Segundo o autor da mesma forma é possível se falar do trabalhador, do homem de bem que se submete a colaborar com o que chamou de trabalho sujo.

Dejours, chama o atual contexto sócio-econômico de guerra econômica e desenvolve suas idéias com o objetivo de tentar analisar quais as motivações subjetivas que levam o sujeito a consentir o sofrimento, ao mesmo tempo que outros consentem em infligir sofrimento nestes. Em seus estudos sobre o sofrimento no trabalho, ele conclui que é por intermédio deste sofrimento que se forma tal consentimento para participar do sistema, é o que alimenta a guerra econômica. O cerne da questão estudada por este autor é o medo do desemprego. Tendo em vista o trabalho como fonte de identidade social, este medo associa-se à vergonha. Muitas das vezes é através do trabalho que as pessoas obtêm o reconhecimento de seu próprio valor, fazendo com que o medo seja um sentimento muito poderoso no espaço do trabalho, por colocar sempre o reconhecimento em questão.

²³ Op. cit.: 30.

Desta forma, a violência passa a ser um meio pelo qual as pessoas podem ferir aos outros para se defenderem da mesma. O trabalhador começa a colaborar com o trabalho sujo, mesmo que isto vá de encontro com sua própria consciência moral. Estes atos violentos passam a ser uma maneira de mostrar virilidade. Segundo o autor, essa equação fuga por medo = falta de virilidade está arraigada na nossa cultura. É uma espécie de associação, feita por homens e mulheres, entre identidade sexual masculina (poder de sedução e força) e agressividade, violência e dominação.

O desemprego, para Dejours, é a principal fonte de injustiça e sofrimento, e certamente é o trabalho o grande palco do sofrimento, tanto para os excluídos como para os que nele permanecem. Afirma que hoje todos partilham um sentimento de medo, causado pela dessocialização conseqüente do desemprego, seja por si ou por seus próximos. Embora se tenha o conhecimento desse sentimento, nem todos partilham do ponto de vista de que as vítimas do desemprego, exclusão e pobreza também são vítimas de uma injustiça. Dessa maneira identifica-se aí uma clivagem entre sofrimento e injustiça, para o autor essa clivagem é grave porque significa que apesar do sofrimento ser uma adversidade, isso não implica necessariamente em uma reação política. Não provoca sentimentos como o de indignação e cólera que podem levar à ação política, apenas justifica a compaixão. Dejours acredita que para o sofrimento suscitar movimento de solidariedade e protesto é preciso que se estabeleça uma associação entre o sofrimento alheio e a convicção de que este resulta de uma injustiça.

Existe uma precariedade de mobilização contra o desemprego e a exclusão. O referido autor demonstra que há resignação diante da injustiça, as pessoas dissociam a percepção do sofrimento alheio do sentimento de indignação. Esta resignação significa considerar "a crise" como uma fatalidade, comparável a uma epidemia. De acordo com essa

concepção não há injustiça e sim um fenômeno sistêmico. Dejours acredita que as questões da justiça e injustiça implicam a questão da responsabilidade pessoal, implicadas ou não nessa adversidade. Atribuir ao destino a causalidade econômica ou sistêmica não diz respeito à uma invenção pessoal, não é uma inferência psico-cognitiva individual, e sim é dada ao sujeito, exteriormente.

Este autor coloca que o estudo da Psicodinâmica do Trabalho sugere que esta adesão ao que se pode chamar de discurso economicista seria uma manifestação do processo de banalização do mal²⁴. Portanto, essa resignação diante do sofrimento é consequência de tal banalização, exercida nos atos civis dos que ainda não são as vítimas. Este movimento funciona como uma defesa contra o sentimento de culpa diante da própria cumplicidade ou colaboração.

A partir da análise da banalização e da tentativa de identificar as especificidades do funcionamento social, Dejours afirma que é justamente essa resignação, a falta de reações coletivas de mobilização, que viabiliza o progressivo aumento do desemprego e do sofrimento causado pelo mesmo.

A Era do Aqui e Agora e Suas Implicações na Formação do Caráter

Essa falta de mobilização política, apontada por Santos como falta de estilo militante e por Dejours como ausência de sentimento de indignação e cólera, para Richard Sennett terão como consequência o que chamou de a "corrosão do caráter". Este sociólogo acredita que o novo modelo de trabalho, com ênfase na flexibilidade e no curto prazo, modifica o próprio significado de trabalho e impede que existam virtudes estáveis

²⁴ Dejours, 1999: 21.

necessárias para a formação do caráter como: lealdade, confiança, comprometimento e ajuda mútua.

Em sua análise, Sennett coloca que o novo ambiente de trabalho moderno, dito mais limpo e mais humano do que a monotonia e insalubridade da linha de montagem do início do século, impede a formação do caráter por não permitir a formação de experiência e construção de narrativas coerentes com as próprias vidas.

Em suas palavras fica mais claro o que entende por caráter:

“O termo caráter concentra-se sobretudo no aspecto a longo prazo de nossa experiência emocional. É expresso pela lealdade e o compromisso mútuo, pela busca de metas a longo prazo, ou pela prática de adiar a satisfação em troca de um fim futuro. Da confusão de sentimentos em que todos estamos em algum momento particular, procuramos salvar e manter alguns; esses sentimentos sustentáveis servirão a nossos caracteres. Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem.” (Sennett, 1999: 10)

A partir da história de vida e trabalho de um homem já aposentado e a de seu filho na atualidade, este autor mostra as transformações ocorridas no mundo do trabalho e suas conseqüências pessoais.

A flexibilidade, ao contrário do que aparenta, não gera liberdade, e sim impõe novas formas de controle. Sennett considera que esse novo “capitalismo flexível” é um sistema de poder muitas vezes ilegível, difícil de ser percebido. Antes o tempo era linear, previsível, as conquistas eram cumulativas e o trabalho nos empregos não variava muito. Desta forma, discute como é possível se manter o caráter diante das atuais circunstâncias sócio-econômicas, na sociedade do imediatismo, em uma economia dedicada ao curto prazo em que suas instituições se desfazem ou se reprojeta a todo momento.

Ao que tudo indica, aquela bomba que explodiu às 8 horas e 15 minutos do dia 6 de agosto de 1945 sobre Hiroxima, causou muito mais do que a destruição de um país. O final

desta guerra propiciou uma necessidade de superação que hoje percebemos como muito além do imaginável.

Estamos vivendo dentro dos filmes que, há alguns anos, eram de ficção científica. Apesar de termos esta consciência ainda nos espantamos ao nos darmos conta de estarmos vivendo em dimensões planetárias, e o aqui e agora pode ao mesmo tempo ser lá e agora.

Todas estas transformações também nos são úteis e trazem melhorias em diversas áreas. Ter, por exemplo, os recursos que a medicina de hoje proporciona, com perspectivas de cura para doenças que nos colocam diante da terrível sensação de impotência, é sem dúvida tranquilizador.

Entretanto, considero importante que não nos esqueçamos dos problemas que os avanços tecnológicos podem trazer. As transformações no mundo do trabalho nos apontam para um grave quadro de desemprego, uma situação quase insustentável tanto para os ditos excluídos como para os que sofrem as pressões de se tornar um destes. Por trás deste progresso existe um imenso mundo de sofrimento.

A ESCALA GLOBAL DO SOFRIMENTO DIÁRIO

Em uma cultura onde a produção, assim como a profissão representam muito da identidade e, portanto, da subjetividade, considero de fundamental importância pensar a relação homem-trabalho. Aqui quero ressaltar os efeitos da organização do trabalho na vida psíquica do trabalhador, ou seja, de que maneira o trabalho, entendendo este como fundamental e central na vida do homem, pode causar sofrimento físico e psíquico.

Para tanto, o retorno à Laurell e Noriega (1987) tornou-se inevitável por se tratar de autores que enunciaram o conceito de Desgaste, a partir do conceito de Carga de Trabalho oriundo da ergonomia, que considero fundamentais para esta linha de pensamento. Seligmann-Silva (1994) resgata estes conceitos no desenvolvimento de seu livro: *O Desgaste Mental no Trabalho Dominado*.

Tais conceitos permitem uma articulação com a teoria winnicottiana que parte do estudo do desenvolvimento humano enfatizando a influência do meio ambiente. A teoria do *Self* e os conceitos de Integração, Desintegração e Criatividade fornecerão sustento para, através de uma teoria psicológica, pensar as questões do sofrimento relacionado ao trabalho.

A "Pressão" Globalizada

As negociações internacionais e discussões sobre comércio entre países, podem parecer distantes do cotidiano do cidadão comum, do trabalhador, mas exercem influência direta sobre o quadro social dos países. A globalização presta às grandes empresas multinacionais, hegemônicas, a possibilidade de estratégias de produção a partir da permanente análise dos mercados de trabalho mundiais. É comum tomarmos conhecimento

de que grandes empresas não têm fábrica própria e utilizam a “mão de obra barata” de países mais pobres. É o fenômeno da terceirização em escala mundial, um privilégio das grandes empresas.

Para acompanhar essa dinâmica global, as organizações deparam-se com novas exigências para a possível sobrevivência diante do mercado que se caracteriza por uma concorrência muito maior e muitas vezes desigual. Diante de tal necessidade é que surge a chamada reestruturação produtiva, trazendo junto uma demanda de flexibilização dos processos de trabalho.

A necessidade de introdução de novas tecnologias, de novas práticas de administração, assim como a redução das pirâmides hierárquicas e a terceirização traduzem-se em desemprego. Quando o quadro funcional de uma empresa não está adaptado às novas tecnologias e estruturas empresariais, uma possibilidade é contratar serviços fora da empresa, transferindo parte do processo de produção para diminuir os encargos da mesma.

Este quadro influenciou também na forma de gestão das empresas, fazendo parte do processo exigir que o trabalhador internalize como seus, os objetivos destas. Todos são responsáveis pelo processo produtivo, ou seja, se tudo vai bem com a empresa o funcionário está bem, do contrário há punição, como por exemplo o corte de benefícios ou a demissão, que se torna uma ameaça constante para o trabalhador.

Este quadro sócio-econômico, caracterizado pela reestruturação produtiva, implica em ameaça aos direitos trabalhistas conquistados e desemprego em massa. Os trabalhadores que permanecem empregados sofrem com a intensificação dos ritmos de trabalho, aumento da jornada em função das horas extras e com a permanente ameaça do desemprego. Isto traduz-se em sofrimento psíquico para as classes trabalhadoras, que vivem em clima de

pressão e de ameaças. Esta organização social permite, ou possibilita, uma utilização perversa do corpo do trabalhador. Portanto, parece que são inerentes à globalização, o aumento da exclusão social e a diminuição dos direitos trabalhistas.

Essa atual conjuntura social é chamada por Dejours (1998) de “guerra econômica”. Uma guerra em que estaria em jogo, não um conflito entre nações, mas a sobrevivência da nação e a garantia da liberdade. Nesta guerra, para ser sobrevivente, é preciso se superar e se tornar mais eficaz que nossos concorrentes. O que implica em sacrifícios individuais e coletivos, em nome da razão econômica.

Os Efeitos Desgastantes

Em 1987 Laurell e Noriega apontaram a necessidade de se lançar uma proposta teórica, metodológica e técnica que pudesse permitir o estudo empírico dos processos de produção na sua relação com a saúde do trabalhador, com o objetivo de gerar um conhecimento capaz de sustentar uma nova prática com relação à saúde do trabalhador e proporcionar elementos necessários para defesa desses diante dos modelos da legislação do trabalho. Apesar de atualmente considerarmos um agravamento do quadro sócio-econômico que influencia negativamente na saúde do trabalhador, estes autores, e outros, já apontavam para tal problemática.

Dessa forma, os autores acima citados sentiram necessidade de criar o conceito de Desgaste por entenderem a categoria Risco, utilizada pela Medicina do Trabalho, como insuficiente para enfatizar as influências das condições ambientais e da organização do trabalho na saúde do trabalhador. Risco representa os elementos presentes nos ambientes de trabalho que podem causar danos ao corpo do trabalhador. Entendendo os riscos como agentes nocivos isolados que podem causar doença, utilizados na maioria das vezes de

forma monocausal os autores consideram que não chegam nem a representar os Fatores de Risco do modelo epidemiológico multicausal, que postula a presença simultânea de vários agentes nocivos como necessários para que se produza doença.

O conceito de Carga de Trabalho, utilizado pela ergonomia, busca ressaltar na análise do processo de trabalho os elementos deste que interatuam dinamicamente entre si e com o corpo do trabalhador, gerando aqueles processos de adaptação que se traduzem em Desgaste. Refere-se ao movimento dinâmico dos elementos do processo de trabalho, possibilitando assim uma análise do processo de trabalho que extrai e sintetiza os elementos que determinam de modo importante o nexu biopsíquico da coletividade operária. Seria essa, então, uma visão do *self*, já que este diz respeito a totalidade da pessoa, incluindo corpo e organização mental. Podemos então pensar que tal análise possibilita que tenhamos uma melhor visão do trabalhador por entendê-lo por inteiro, ou seja, a possibilidade de vê-lo como único, ou melhor, como um sujeito.

Para distinguir diferentes tipos, as Cargas de Trabalho podem ser agrupadas em: 1- físicas, químicas, biológicas e mecânicas - possuem uma materialidade externa ao corpo e que interagindo com ele, torna-se uma nova materialidade interna. 2- fisiológicas e psíquicas - só adquirem materialidade no corpo humano ao expressarem-se em transformações em seus processos internos, sua materialidade é expressada através de processos corporais transformados.

Essas Cargas surgem como uma expressão particular da forma específica do produzir, ou seja, das características da base técnica e dos objetos empregados, além da organização e divisão do trabalho. Laurell e Noriega ressaltam que a intensidade e a presença ou não de tais Cargas também mostram-se relacionadas às relações de força entre

capital e trabalho, isso tanto num centro de trabalho concreto como na sociedade. (Laurell e Noriega, 1987: 113)

Referindo-se ao conjunto dos processos biopsíquicos de uma coletividade de trabalhadores em sua relação com o processo de produção, o conceito de Desgaste aponta para as transformações negativas oriundas da relação, ou melhor, da interação dinâmica das Cargas de Trabalho, nos processos biopsíquicos humanos; ou seja, é “... a perda de capacidade efetiva e/ou potencial, biológica e psíquica.”²⁵ Essa perda de potencialidade nos indica que há perda de criatividade, ou melhor, da possibilidade de criar, que para Winnicott significa perda de saúde.

Ao se tratar das cargas fisiológicas e psíquicas podemos perceber que para se identificar os efeitos do desgaste, é necessário que haja marcas físicas, visíveis e identificáveis, quer dizer, é preciso que o trabalho tenha deixado marcas concretas no mais rigoroso sentido do termo. Pensando aqui em relação às L.E.R. voltamos à discussão de ter que provar que está doente, por ser um problema que nem sempre aparece senão pela dor, que como tal pode ser julgada como subjetiva.

O Valor do Espontâneo

Para Winnicott existe uma tendência inata no que se refere ao desenvolvimento que corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento emocional. Para que este processo natural aconteça é necessário que existam condições externas que sejam favoráveis. Isto é, no início a criança é absolutamente dependente do mundo que lhe oferecem, que nesse momento deverá ser representado pela mãe ou algum substituto. Portanto, para que o processo de maturação, formação e evolução do eu, do isso e do

supereu, além do estabelecimento de mecanismos de defesas elaborados pelo eu, se dê de forma livre e então possibilitar a saúde psíquica, é preciso que a mãe seja *boa o bastante*. Este conceito refere-se à mãe que neste estágio de vida do filho consegue adaptar-se às suas necessidades, identificando-se estreitamente com ele, de forma a representar um ambiente *bom o bastante*. Quando isto acontece torna-se possível um desenvolvimento psíquico e físico fundamentado em suas tendências inatas, o que significa a emergência de um *verdadeiro self*.

As noções de verdadeiro e falso *self* foram introduzidas por Winnicott que acredita na existência simultânea destes em todos os seres humanos, em proporções variadas. O falso *self* aparece como estrutura para defender o verdadeiro, principalmente no que se refere à saúde. Ele se estende da saúde a doença e, segundo Winnicott, é com ele que se desenvolve o trabalho analítico nos primeiros dois ou três anos.

O autor liga a idéia do *self* verdadeiro com o gesto espontâneo, somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e permitir o sentimento de realidade, ou melhor, de sentir-se real. Se a normalidade é tida como a capacidade de viver em uma área intermediária entre o sonho e a realidade, que seria a vida cultural, quando o falso *self* supera o verdadeiro em termos quantitativos, encontramos uma pobreza desta área. Isso significa pessoas com dificuldade de concentração, inquietas e que podem viver a partir de uma vida de ilusões. É possível encontrar-mos um quadro clínico bastante peculiar, um intelecto bastante desenvolvido e bem sucedido pode ocultar a aflição real do indivíduo que se sente como se fosse um impostor pela própria prosperidade obtida. Não reconhece como suas as próprias atitudes ou criações.

²⁵ op. cit.: 115.

Da Pressão à Opressão

O pensamento winnicottiano nos permite uma releitura do conceito de *desgaste* no que se refere aos conceitos de *integração* e *desintegração*. Winnicott coloca que no começo, na fase de *dependência absoluta*, há um estado de *não-integração*, um estado não caótico, onde não existe consciência, tampouco o registro de globalidade no espaço e no tempo, mas é a partir deste estado que se produz a *integração subjetiva*, que no início é apenas por breves momentos ou períodos e gradualmente se transforma. Esta *integração* se torna cada vez mais um estado contínuo à medida que o *self* se constrói com a possibilidade de reter e incorporar lembranças. Neste estágio ainda não se fala em *desintegração* por ser esta uma defesa organizada contra ansiedades que fazem parte da *integração*, um desfazer-se da *integração*. Segundo Winnicott a perda da *integração* provoca um sentimento de enlouquecimento, contrário ao sentimento de sanidade que a *integração* proporciona. Ou seja, a *integração* é consciência, conjunto de memórias enquanto que a *desintegração*, um estado caótico por representar uma alternativa à ordem, é um processo de defesa ativa, tanto contra a *não-integração* quanto contra a *integração*. É importante observar que a *desintegração* pode ser vivida como caótica sem necessariamente ser.

A medida que o bebê atinge sua independência, seu próprio *self*, a *desintegração* "... pode ser utilizada mais tarde como base para um estado patológico caótico, que na verdade representa um fenômeno secundário e que não está diretamente relacionado ao caos primário do indivíduo humano."²⁶ Winnicott refere-se aqui ao estado de *não-integração* que pode vir a ser o estado de repouso, o devaneio, necessários para o descanso físico e mental. Para que este repouso aconteça é preciso existir o sentimento de segurança, de continuidade do ser, que nos faz referência ao estágio primário da relação mãe-bebê.

Para se adaptar a fase de transição (*não integração para integração*), geradora de angústia, a criança desenvolve atividades chamadas de *fenômenos transicionais*. Estes fenômenos, no estágio primitivo, vão viabilizar o enfrentamento pelo indivíduo, do choque da perda da onipotência. Há uma grande diversidade de atividades criadas neste período e estas podem ou não incluir a presença de um objeto, o *objeto transicional*. Estas atividades e estes objetos são utilizados para evitar a angústia de adaptação a esta fase de independência parcialmente desenvolvida. O termo transicional demonstra a representatividade destes na vida psíquica da criança. Estes fenômenos acontecem em um espaço intermediário entre a realidade externa e interna, que Winnicott batiza de *espaço transicional*, uma zona intermediária que vai do narcisismo primário ao julgamento de realidade. Este espaço vem a ser mais tarde o lugar da cultura na vida do sujeito:

“... a realidade psíquica interna possui uma espécie de localização na mente, no ventre, na cabeça ou em qualquer outro lugar dentro dos limites da personalidade do indivíduo, e enquanto a chamada realidade externa está localizada fora desses limites, o brincar e a experiência cultural podem receber uma localização caso utilizemos o conceito do espaço potencial existente entre a mãe e o bebê”. (Winnicott, 1971:79)

Este espaço é fundamental e se estende por toda a vida da pessoa na forma de cultura e no caso aqui de uma cultura onde a produção, assim como a profissão, representam muito da identidade e portanto, da subjetividade do indivíduo. Nas organizações do trabalho em processo repetitivo, por exemplo, torna-se inviável a presença de um *espaço transicional*, suprimindo o aspecto lúdico e a criatividade possibilitando supor um campo fértil para as patologias. Winnicott considera que o *espaço transicional* é fundamental para a saúde mental e física, por ter como função aliviar as tensões. O indivíduo precisa desse espaço que cria formas de integrar a realidade externa e interna.

²⁶ Winnicott, 1998: 137.

Esta teoria possibilita uma articulação com o conceito de *desgaste* e o desenvolvimento feito por Seligmann-Silva quando acrescenta a noção de *trabalho dominado/alienado*, no que se refere a utilização perversa das potencialidades psíquicas.

Dejours nos fala do bloqueio da relação homem-trabalho:

“(...) a organização do trabalho exerce, sobre o homem, uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições, emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos, e uma organização do trabalho que os ignora. Esse sofrimento, de natureza mental, começa quando o homem, no trabalho, já não pode fazer nenhuma modificação na sua tarefa no sentido de torná-la mais conforme às suas necessidades fisiológicas e a seus desejos psicológicos – isto é, quando a relação homem-trabalho é bloqueada.” (Dejours, 1980: 133)

Seligmann-Silva acrescentou a idéia da utilização deformada e deformante das potencialidades psíquicas e físicas no trabalho alienado. Segundo esta autora a dominação tanto ataca a dignidade do trabalhador como fere a autonomia de cada um produzindo uma ruptura na mente e na vida psicossocial, ferindo dessa forma a estabilidade psicossomática. O trabalho *dominado/alienado* aparece então como uma mãe não *boa o bastante*, ou suficientemente má, porque não oferece espaço para o criar, para o gesto espontâneo, sufocando a individualidade. O *espaço potencial*, lugar do lúdico, fundamental para a saúde psíquica, desaparece dando lugar ao patológico. O que a meu ver confirma a idéia de Winnicott de que o *espaço transicional* é fundamental para que o sujeito possa ser ele mesmo, não ferindo sua personalidade nem sufocando suas potencialidades, para que desse maneira seja possível uma vida, aqui especificando no trabalho, saudável.

A DOR COMO LIMITE

Em fins de 1998 tive a oportunidade de participar de uma Jornada sobre "Dor e Lesão ao Trabalho e Esforço Repetitivo". Devido ao meu interesse pelo tema me fiz presente na esperança de encontrar novas possibilidades de tratamento, atualizar-me sobre as políticas públicas relacionadas às LER, trocar experiências e expectativas, e talvez dividir angústias com pares. Entretanto, minhas expectativas foram totalmente frustradas. Encontrei discursos que mostravam-se totalmente na contra mão do que se poderia chamar de estudos que visam a saúde do trabalhador. Logo no primeiro dia foi lançada uma enorme lista de doenças pré-existentes e atividades extras que, se encontradas na história do trabalhador, desconsiderariam a presença das LER como decorrentes do trabalho. Qualquer dessas características faz com que os tais médicos do trabalho desviem a justificativa dos sintomas apresentados pelo trabalhador, culpabilizando-o por sua dor e negando o nexo causal com a atividade repetitiva de sua jornada de trabalho. Ou seja, negando as LER como doença ocupacional, conforme foi dito explicitamente em tal jornada.

Reproduzirei aqui os itens da lista apresentada:

Doenças pré-existentes: doenças reumáticas; d. vasculares; d. congênitas; d. psiquiátricas; d. neurológicas; d. visuais; d. auditivas; obesidade; hipertensão; diabete; gestação; uso de anti-concepcionais; insônia; tabagismo e etilismo.

Atividades extras: atividades domésticas; filhos pequenos; uso de instrumentos musicais; prática de esportes; cursos extras; direção de veículos e uso de transportes coletivos.

Além de abrangerem as características mais comuns encontradas em qualquer brasileiro, de forma vaga para que se possa enquadrar todas as pessoas, gravidez e uso de

anticoncepcional foram considerados doenças. É como se quando um esquizofrênico apresentasse LER, esta seria devido à sua esquizofrenia, ou em função de sua doença o trabalhador apresentasse posturas físicas que pudessem causá-las. Junto às listas, expostas através de transparências, ouvimos no discurso do apresentador, ortopedista e médico do trabalho de uma grande empresa que apresenta um número assustador de trabalhadores com LER: “É melhor que eu afaste ele do trabalho para que ele possa parar de andar de ônibus” e “A coisa mais importante é o estudo ergonômico, é a grande solução, porque tudo vem da postura”.

Talvez não seja aqui o caso de relatar tudo que ouvi e vi nesta referida Jornada, mas com certeza tal experiência reforçou meu desejo de estudar mais, para tentar produzir algum conhecimento que possa demonstrar que, apesar de a era da automação ser praticamente dominada pelas máquinas, por trás delas encontram-se seres humanos. Considero bastante difícil encontrarmos trabalhadores livres de todas as características descritas nas listas, assim como é preciso que tenhamos consciência de que é através da mão humana que a máquina opera, e que para sua fabricação também existe o trabalho do homem. Talvez os andróides de *Blade Runner* pudessem não ter filhos pequenos e nem problemas de pressão arterial, mas até eles precisavam de algum veículo para se locomoverem em longas distâncias e demandavam atenção e vidas mais humanizadas²⁷.

Relatos do Real: uma realidade de dor

Em minha experiência na equipe da assessoria em saúde do SINDPD-RJ encontrei trabalhadores vindos de passagens por médicos e peritos que, aparentemente, seguem a

²⁷ Ver “Blade Runner – Uma Metáfora da Pós-Modernidade” de Mayrink Kupferberg. Revista de Psicologia Clínica, vol. 11: 57-76. Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia PUC-RIO, 1999.

mesma linha de pensamento da maioria dos participantes da Jornada relatada acima. Ou seja, pessoas vindas de experiências de desrespeito, onde suas dores físicas eram acrescidas do sofrimento psíquico, não somente em relação ao dano físico, mas principalmente por encontrarem-se no caminho da exclusão. São casos de demissão que não levava em conta a doença ocupacional, aposentadoria antecipada e acrescida de um rótulo de invalidez e, além de outras coisas, trabalhadores marcados pela luta de tentar provar que está doente. Foi dos registros do grupo de LER que pude retirar relatos que talvez possam ilustrar a situação real pela qual passam os trabalhadores acometidos pelas LER²⁸.

Gilberto, um homem por volta de seus 40 anos, digitador, casado, pai de dois filhos, recém operado de uma Síndrome do Túnel do Carpo no braço direito, licenciado, estava sendo acompanhado pela equipe de assessoria jurídica e em saúde do sindicato. Em sua segunda participação no grupo, trouxe-nos questões mostrando que, mesmo com sua dor, tentava compreender a posição dos profissionais pelos quais passava. Para ele sua situação era tão clara, referindo-se ao nexo causal do quadro de LER que apresentava, que não precisaria se prolongar tanto e não havia necessidade de ir parar na justiça do trabalho: *“A doutora é pressionada pela direção da empresa? Porquê ela não emite a CAT?”*. De cabeça baixa chegou a dizer: *“Eu até entendo, ela também precisa do emprego dela.”*

Este trabalhador encontrava-se em tratamento fisioterápico prolongado por não conseguir aliviar as dores nas mãos que o acompanhavam desde antes da cirurgia. Mas seu abatimento maior parecia estar relacionado ao sentimento de impotência.

²⁸ Para evitar a exposição dos trabalhadores os nomes utilizados são fictícios e as respectivas empresas não serão reveladas.

“O meu readaptar²⁹ é voltar pro computador, tem uma máquina lá me esperando; meus filhos querem um e eu não quero nem ouvir falar em computador. Lá é empresa de processamento de dados, tem computador em qualquer buraco. Dizem pra eu ficar lá só brincando na INTERNET, e eu lá quero brincar na INTERNET? Não vou digitar tanto como no hospital, mas não tem outro serviço. Essa minha readaptação eu tô achando estranha”. (Gilberto, digitador)

Násio (1996) ajuda-me a pensar e referir-me melhor a esse sentimento, a essa situação emocional em que encontram-se esses trabalhadores. Este autor, em seu livro sobre dor e amor, ocupa-se da tentativa de identificação e compreensão do fator psíquico envolvido na gênese de toda dor corporal. No lugar de suas repercursões, preocupa-se com a origem psíquica do distúrbio doloroso. Esta tentativa em definir o componente psíquico do fato doloroso está em consonância com os pesquisadores atuais das neurociências que consideram o fator psíquico como uma das principais causas da emoção dolorosa.

A partir dos instrumentos da metapsicologia freudiana propõe que, quando é possível precisar com rigor a formação de uma dor corporal e o fator psíquico que intervém nela, é preciso levar em conta a diferença entre as palavras sofrimento e dor. Classicamente por sofrimento entende-se *“uma perturbação global, psíquica e corporal, provocada por uma excitação geralmente violenta”*, e por dor *“uma sensação local causada por uma lesão”*³⁰. Portanto, essa segunda palavra designa uma sensação bem delimitada e determinada se diferenciando de sofrimento que é uma emoção mal definida. Desta forma, o autor elege a palavra dor e lhe confere um estatuto de conceito psicanalítico. Considera que a dor é sempre um fenômeno de limite, seja entre o eu e o outro, entre o corpo e a psique e entre o que chamou de desregramento do funcionamento do psiquismo e seu

²⁹ Referindo-se à readaptação na empresa após o término da licença. Esta é uma das poucas e precárias soluções para os acometidos por LER.

³⁰ Násio (1996): 19.

estado regulado. A dor é “*um enlouquecimento da cadência pulsional*”³¹, diferente de desprazer que é a percepção de uma tensão pulsional.

Do ponto de vista psicanalítico, não há distinção entre dor física e psíquica, a dor vai ser sempre um fenômeno misto que surge no limite entre corpo e mente. A diferença é mais uma questão de clarear a exposição, segundo o autor:

“Quando a causa se localiza nesse invólucro de proteção do eu que é o corpo, qualificamos a dor de corporal; quando a causa se situa mais além do corpo, no espaço imaterial de um poderoso laço de amor, a dor é chamada psíquica”. (Násio, 1996: 25)

O sentimento de desproteção, gerador da angústia e do medo, ficava no ar a cada relato das experiências pessoais expostas no grupo de LER. Mas o sentimento de injustiça mostrava-nos a dimensão da dor que leva estes trabalhadores ao desespero.

Marcos, um digitador surdo, de uma empresa estatal, pedia a seu intérprete para nos dizer:

“Se a empresa privatizar, eu sendo surdo e com LER, como vou ficar? Quais são os meus direitos? Fiz vários exames e não acusa nada, e quando vou digitar começa a formigar e dá um choque, tenho que parar. Eu não tenho o resultado dos exames, foi tudo direto pra empresa”.

Abaixo, Elza nos revela um relato de indignação e dúvidas:

“Eu quero o reconhecimento da doença porque tenho. Não podemos exigir, fazer algo para que o perito seja um especialista no que vai examinar? Dizem que para conseguir o reconhecimento muitas colegas tiveram que entrar com ação e alguns conseguiram, outros não. Isso levou dez anos.” (Elza, digitadora)

Em sua maioria, os primeiros a adoecerem são os melhores profissionais. Esta situação revela o que as teorias de Recursos Humanos mais prezam, fazer com que o funcionário “vista a camisa” da empresa. Esta idéia tem como objetivo “tirar” do

³¹ op. cit.: 21.

funcionário o máximo de dedicação, gerando uma maior produção e criando uma ilusão de garantia do emprego. Nestas situações o funcionário se dedica à saúde da empresa em detrimento de sua própria.

Em nosso pequeno grupo quase todos eram considerados os melhores de sua área.

Eis aqui alguns relatos que servem como exemplo:

“Eu tinha prazer no meu serviço. Das sete às treze eu ia bem. Das duas às dezessete não. Mas como eu era boa, eles sabiam que na parte da manhã eu produzia, eles me chamavam sempre.” (Elza, digitadora)

“Eu fazia muita hora extra. Eles chegavam com a lista perguntando quem poderia fazer hora extra, e alguém dizia que não?” (João, digitador)

Márcia, digitadora de uma empresa de processamento de dados e alocada em um grande banco, fez quatro cirurgias, sendo três na mão direita e uma na esquerda. O médico de sua empresa emitiu a CAT, mas o perito do INSS não aceitou. No banco onde trabalhava, haviam muitos contemporâneos seus com o mesmo problema, e hoje já não estão mais lá. Os poucos que ficaram foram transferidos para o atendimento ao cliente. Sua função não existe mais, foi terceirizada, mas, segundo seu relato, o esquema continua o mesmo, ou seja, a organização do trabalho que causou tanto sofrimento ainda impera naquele setor. Márcia foi aposentada com 25 anos de serviço por aposentadoria proporcional. Suas palavras mostram-nos como a organização do trabalho está relacionada ao desgaste, físico e psíquico, impondo um ritmo que impossibilita a presença do prazer no trabalho, mesmo que essa seja a vontade do trabalhador.

“Lá na empresa se você era subordinada e o supervisor dava uma ordem, você tinha que cumprir senão era ruim. Se os supervisores estivessem de mau humor então... Eu tinha medo da Dra. (referindo-se à médica da empresa), se ela olhasse pra você duas vezes...ela não admitia que você tivesse LER. Eu amava digitar, nem ligava pra essas

coisas (ergonomia), meu serviço era zero erro. Eu hoje estou limitada, mas não sou inválida.”. (Márcia, digitadora)

Não ser inválida não quer dizer que não se deve lutar pelo reconhecimento da doença. Esse objetivo era trabalhado no grupo a partir da fala da dor de cada um, diluindo este afeto que então podia encontrar outros significados. Nosso objetivo era de amenizar a dor dos trabalhadores que nos chegavam, acreditando que o encontro com os pares em situações semelhantes, pudesse proporcionar não só um momento de encaminhamentos e esclarecimentos, mas também aliviar a solidão daquele que se sente injustiçado. Hoje encontro nas palavras de Násio uma representação do efeito que o grupo alcançava, sem que tivesse propriamente o perfil de uma terapia de grupo, ou que fosse uma situação de análise individual, como se refere o autor:

“Dar um sentido à dor do outro significa, para o psicanalista, afinar-se com a dor, tentar vibrar com ela, e nesse estado de ressonância, esperar que o tempo e as palavras se gastem. Com o paciente transformado nessa dor, o analista age como um bailarino que, diante do tropeço de sua parceira, a segura, evita que ela caia e, sem perder o passo, leva o casal a reencontrar o ritmo inicial. Dar um sentido a uma dor insondável é finalmente construir para ela um lugar no seio da transferência, onde ela poderá ser clamada, pranteada e gasta com lágrimas.” (Násio, 1996: 17)

O sentimento de impotência em relação à própria situação é assombrado pela angústia de tão poucas, e quão precárias, saídas encontradas. Para um profissional de digitação, ao encontrar-se com os tendões inflamados por desgaste, ou seja, onde houve lesão e onde após o repouso, cada vez que se repete o movimento causador, as dores voltam, podendo levar à nova inflamação e piora da situação. Portanto é descartada a possibilidade de retorno à função original, que no caso é a profissão daquele trabalhador, que muitas vezes, após anos de trabalho, não sabe fazer outra coisa. Isto não quer dizer que esta pessoa está incapacitada psiquicamente de aprender mas, nos dias atuais, a certa altura

da vida, encontrar-se desempregado e tendo que fazer uma nova formação profissional, é uma situação quase utópica, tais profissionais mal conseguem sustentar suas famílias enquanto têm suas carteiras devidamente assinadas.

Desta forma as saídas são: voltar para a empresa em outra função, geralmente menos qualificada por encontrar limites físicos para execução; aposentar-se por invalidez em plena fase de produção sem ao menos poder completar a aposentadoria com outros trabalhos; voltar ao trabalho para a mesma função, suportando as dores, e correr o risco de uma demissão justificada por queda de produção. Quando isto acontece e o trabalhador vai para a Justiça do Trabalho reclamar seus direitos, terá que enfrentar anos na fila da justiça sem poder empregar-se em outro lugar, o que levaria a perder os direitos, como nos mostra o relato de João:

“Eu tenho família pra sustentar, não posso ter vínculo empregatício, e também o que sei fazer eu não posso mais, poderia até arranjar um bico para digitar, porque loteria não tem mais, mas não posso. Eu tô vendendo roupas que a minha mulher conseguiu, mas até isso não é bom porque precisa carregar peso e as vezes dói.” (João, digitador)

Três Faces de Uma Mesma Dor

Em sua teorização sobre a dor, Násio coloca que a aflição causada pela perda de um ente querido é a melhor referência para exemplificar a compreensão da natureza e dos mecanismos da dor mental. Entretanto o objeto de amor pode ser alguém ou alguma coisa, e acrescenta que a dor psíquica não pode ser exclusivamente provocada pela perda do ser amado, ela também pode ser dor de *abandono*; de *humilhação* e de *mutilação*. A primeira está referida à situação de retirada súbita pelo ser amado de seu amor. A segunda, refere-se ao ferimento de nosso amor próprio e por último, a dor causada pela perda de uma parte de

nosso corpo. O que significa que todas essas dores estão relacionadas à uma amputação brutal de um objeto amado. *“A dor só existe sobre um fundo de amor.”*³²

Encontro nas situações aqui relatadas dos trabalhadores acometidos por LER, um pouco dos três tipos de dor destacados por este autor. Ao serem demitidos, doentes, pela empresa à qual se dedicavam, os trabalhadores sentem a dor do abandono, além de sentirem-se traídos por passarem anos acreditando que a dedicação era recíproca, o que permitia toda a dedicação. Situação agravada quando não há o reconhecimento da doença ou do nexo causal.

Referindo-se ao fato da médica da empresa ter negado a emissão da CAT, Gilberto diz:

“Ela correu da responsabilidade dela, do que ela deveria fazer pra mim, e eu demorei a pedir ajuda, me informar, ela só fez pedido de trinta dias, ela tem que me dar o laudo” (Gilberto, digitador).

E Márcia declarava seu amor ao trabalho, repetidas vezes, perante o grupo:

“Eu amava digitar, amava! Meu serviço era zero erro.” (Márcia, digitadora)

Nas palavras de Flávio é possível perceber o desrespeito ao sujeito, aqui inclusive à dor física. Muitos trabalhadores queixam-se de sair da perícia com dor porque os peritos mexem com força em seus membros desmerecendo os relatos de dor e desacreditando a palavra daquele que se apresenta pedindo apenas seus direitos. É um ataque direto à dignidade, ferindo o amor próprio daquele que está submetido ao “juízo” do outro:

“Eles pedem, na perícia, pra gente levantar e abaixar os braços, se conseguir é porque tá bom”. (Flávio, digitador)

³² Násio, 1996: 18.

Quanto à dor da mutilação, referida à perda de uma parte do próprio corpo, mesmo não sendo uma perda real do membro, a perda da função ou dificuldade de exercer funções rotineiras, como pentear os cabelos, faz com que estes trabalhadores sintam-se mutilados:

“Hoje eu me sinto inútil, se preciso pegar uma cadeira eu pego com a mão direita, depois, eu peno com a mão, é só gelo. (Gilberto, digitador)”

Quando a Dor é a Dor da Falta e o Objeto o Trabalho

Násio coloca que vem das diferentes perdas da infância essa capacidade de representar uma lesão corporal e viver a dor. As perdas do nascimento, da defecação e do desmame são passagens que ensinam às crianças que é possível que as coisas essenciais faltem. Em suas palavras: *“Toda dor é a lembrança de uma dor antiga, e toda perda é a reprodução de uma primeira perda já esquecida”*³⁵

Na mesma linha de pensamento Winnicott acrescenta que dependendo de como essas perdas são vividas, se foram emolduradas por um ambiente bom o bastante, não impedem de estabelecer a saúde psíquica do sujeito.

Entretanto, é preciso levar em consideração que essa dor pode ser por uma perda repentina ou marcada por várias e repetidas vezes, fazendo com que em algum momento se depare com o limite e venha a tona em forma de dor do trauma.

Násio nos oferece uma contribuição ao referir-se aos microtraumas e dor inconsciente, que reproduzirei aqui:

“Um trauma psíquico pode se produzir seja pelo choque brutal da perda do ser amado, seja por ocasião de um acontecimento inócuo que vem acrescentar a uma longa série de microtraumas não sentidos pelo sujeito. Cada um desses traumas pontuais provoca uma imperceptível dor, da qual o sujeito não tem consciência. A acumulação

³⁵ Násio 1996: 175.

progressiva dessas múltiplas dores cria um tal estado de tensão que basta a faísca de um acontecimento inócuo para liberar a dor e vê-la explodir sob a forma consciente. O menor acontecimento desencadeador pode ser tanto exterior quanto interior ao eu. Uma lembrança ou um sonho insignificante pode aparecer em circunstâncias tão precisas que libera um afluxo selvagem de excitações internas, que transbordam e ferem o eu. Esse estado é então vivido sob a forma de uma dor do trauma.” (Násio, 1996: 59)

Aqui gostaria de privilegiar a dor de uma perda repentina, mas por um sujeito marcado por microtraumas advindos por um cotidiano de pressão que provoca a opressão da criatividade, não permitindo a saúde psíquica. Por mais que o indivíduo tenha sido preparado para uma vida psíquica saudável quando da relação boa o bastante com sua mãe (ou substituto), a experiência se repete na fase adulta quando o espaço potencial que então era proporcionado pela mãe, vai ser representado pela cultura, esta última representando o novo ambiente do sujeito.

Voltando ao exemplo oferecido pelos depoimentos dos participantes do grupo de LER, quero então falar da experiência de desemprego e suas conseqüências psíquicas.

“Começa a ficar esquisito perante até os vizinhos, eles começam a indagar, estavam acostumados a me ver trabalhando e hoje me encontram de manhã, de tarde... minha mulher entende, mas os outros... não é que eu me incomode, mas sei lá.” (João, digitador)

Esse trabalhador foi demitido estando com LER e refere-se ao seu sentimento como desempregado. Trabalhou vinte anos como digitador em uma empresa, um dos seus primeiros empregos. Demitido pela empresa pela qual dedicou a metade de sua vida (na época tinha por volta de 40 anos), adoecido pelo seu trabalho, e segundo suas palavras “é só o que eu sei fazer” (João, digitador).

Esse homem nos fala de um mal estar vivido por um pai de família que não pode mais prover seu sustento e que sofre por uma luta externa de esperar na justiça uma solução

para sua situação, além de um conflito interno gerador de muita angústia. Enquanto move processo na Justiça do Trabalho contra a empresa, não pode criar vínculo empregatício em outro lugar, o que levaria a perda de seus direitos. Por outro lado, não consegue um trabalho informal que possa suprir suas necessidades, esbarrando aí nos limites causados por sua doença. Ou ele luta para sustentar sua família, ou perde seus direitos adquiridos em vinte anos de dedicação e amor a uma profissão.

O Valor do Ser Profissional e a Perda do Trabalho/Profissão

Jardim (1996) contribui valorosamente para compreendermos como se dá esse encontro entre trabalho e profissão e os sentimentos derivados dessa relação. Em seu artigo Profissão: Identificação e Projeto, resultado de sua pesquisa com um grupo de Pilotos do Metrô do Rio de Janeiro, faz uma reflexão a partir da questão formulada por um de seus entrevistados: *Ser piloto de metrô é função ou profissão?* Utiliza para tal fim a noção de identificação, utilizada pela psicanalista Piera Aulagnier³⁴ para pensar o processo identificatório, e de projeto, através da qual Gilberto Velho³⁵ pensa sobre a margem relativa de escolha que, em determinado momento histórico, indivíduos e grupos passam. A autora discute o tornar-se profissional e mostra que era dessa maneira, tornando-se profissional em sua função de piloto do Metro do Rio de Janeiro, que tais trabalhadores podiam dar conta do querer ter uma profissão e ser um trabalhador.

Profissão é o resultado de uma construção que passa por um projeto, exige qualificação, planejamento e cálculo. E para os trabalhadores, os ideais de ser trabalhador e

³⁴ Aulagnier, P. (1985), *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro, Imago.

³⁵ Velho, G. (1987), "Projeto, Emoção e Orientação", in G. Velho (ed.), *Individualismo e Cultura* (2ª ed.). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

ser profissional podem ou não conviver, ou seja, pode ser convivência ou conflito. E quanto a essa relação a autora comenta

“Somente em um mundo no qual significante e significado, fato e valor, consciente e inconsciente estão separados é que se pode pensar e sofrer a separação entre trabalho e profissão. É ainda tão somente nesse mundo que se pode almejar encontrar o sentido do trabalho no ideal de profissão. Mas, é também nesse mundo interpretante e interpretável que o sujeito psicológico destituído de si está na dependência de um outro para aceder a si próprio.” (Jardim, S. e Silva Filho, J.F., 1996: 110)

Em nossa cultura, para Winnicott a mãe representa o ambiente, para Aulagnier a mãe possui o privilégio de enunciar e mediar o “discurso ambiente”. Tendo como referencial a psicanálise de Freud, essas duas teorias se assemelham ao referirem-se ao papel da mãe nos estágios primários da vida do sujeito. Jardim, a partir das contribuições de Aulagnier, faz uma ponte entre a teoria da organização psíquica e o trabalho. Entendendo este como bem simbólico podendo ser entendido, na nossa sociedade, como mediador entre ordem individual e ordem coletiva. Nos mostra que é através do Ideal do Eu que é possível vincular processo identificatório e ser trabalhador ou ser profissional. Em suas palavras:

“Realizar o Ideal do Eu é uma exigência imposta ao Eu. E a medida de tranquilidade e harmonia interna do indivíduo é dada pelo nível de aproximação entre o Eu atual e o Ideal do Eu. O Eu triunfa quando consegue coincidir com o Ideal do Eu e se sente culpado ou inferiorizado quando há tensão entre o Eu e o Ideal do Eu.” (Jardim, S. e Silva Filho, J.F., 1996: 112)

Isso nos permite compreender, ou oferece caminhos para a compreensão da diferença do ser trabalhador e ser profissional e suas representações psíquicas na vida do sujeito. O sujeito não nasce, torna-se trabalhador, podendo ou não tornar-se profissional. Em nossa sociedade onde o trabalho é central, concordando com Ricardo Antunes (1999), e

segundo Jardim tem como Ideal do Eu internalizado, ser trabalhador e/ou ser profissional, é possível sofrer por uma tensão entre essas duas instâncias.

Dessa maneira já é possível então falarmos do desemprego. Que dor é essa que assola trabalhadores das mais diversas áreas ao perderem seu emprego e/ou trabalho, sendo ou não “um profissional”. Talvez agora fique mais claro o porque consideramos que há dor nas palavras de João ao sentir-se envergonhado estando desempregado perante os vizinhos, e como escutamos a dor do trabalhador que, adoecido pela sua função, perde além do emprego, sua profissão.

A dor em relação a uma perda é devida ao fato do sujeito senti-la como irreversível, é a certeza do irreparável. E para Jardim: *“Por isso o desemprego, além de implicar precariedade da sobrevivência material, faz a alma sofrer.”*³⁶

³⁶ Jardim, 1996: 112.

O COLORIDO NECESSÁRIO

Winnicott considera que as pessoas saudáveis experienciam três tipos de vida, vivem em três áreas diferentes: a vida no mundo, a vida da realidade psíquica interna (inclui os sonhos ou o que emerge a partir deles) e a área da experiência cultural, que aparece não só como atividade lúdica e senso de humor, mas na forma de toda cultura acumulada.

É no espaço potencial entre a mãe e o bebê, numa relação boa o bastante, que nasce o lugar para a experiência cultural, considerando que a confiança estabelecida nesse momento inicial é fundamental para a organização dessa área da experiência saudável. Entendendo que este autor considera que saúde é a capacidade de ter experiência cultural, que a saúde tem relação com o viver, isso quer dizer que quando há saúde não há separação entre sujeito e cultura, ou seja, a saúde é, portanto, a capacidade de fazer uso do material disponível - é viver criativamente.

A Primeira Criação

Uma pessoa criativa é aquela que tem sentimento de existência e a criatividade uma posição básica a partir da qual operar. A criatividade é própria do estar vivo, é a predominância do fazer pelo impulso sobre o fazer reativo, permitindo que a vida valha a pena ser vivida. Resumindo: *"A criatividade é, portanto, a manutenção através da vida de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo."*³⁷

A criatividade, ou melhor, a capacidade de ser criativo começa no nascimento. Já na primeira mamada teórica (Winnicott afirma que devido a extrema imaturidade do recém-

nascido não se pode afirmar que há uma experiência emocional significativa na primeira mamada real) o bebê está pronto para criar. A mãe (função materna) é que vai tornar possível, ou não, que ele tenha a ilusão de ter criado o seio a partir da necessidade, portanto o bebê precisa da mãe, é ela que vai fornecer a possibilidade desse sentimento de onipotência que será de grande importância no desenvolvimento da criança. Essa primeira experiência ilusória vem a ser a matriz da capacidade de criar. A continuidade desse sentimento vai possibilitar um registro de que ele é capaz de criar os objetos para satisfazer suas necessidades. Winnicott afirma que *“Se a mãe não for boa o bastante para permitir essa ilusão, o bebê ficará sem esperança para tornar-se capaz de manter relacionamentos excitados com objetos ou pessoas no mundo real”*³⁸. Pois é dessa maneira que o bebê passa a ter possibilidade de aceitar e até poder utilizar a desilusão.

A partir desse jogo entre mãe e bebê, a vivência das experiências ilusórias sustentada pela boa relação mãe-bebê, podendo ser absorvido, de acordo com Guimarães (2000), de forma homeopática, em doses sutis e equilibradas, sem choques inesperados.

Segundo Winnicott, existindo uma capacidade cerebral razoável, o que capacita um indivíduo tornar-se uma pessoa ativa e fazer parte da comunidade, tudo é criativo. Não tem nada que não possa ser feito de forma criativa. Portanto, entendendo essa capacidade como de vital importância para uma vida saudável, a submissão é, então, uma base doentia para a vida. Esse autor acredita que não exista a possibilidade de destruição total da capacidade de criar, mas não é bom quando se oprime a possibilidade de criar.

³⁷ Winnicott, 1970: 24.

³⁸ op. cit.: 1988: 121.

A Submissão

Se tudo que criamos já estava lá, como no paradoxo da primeira mamada onde o bebê tem a ilusão de ter criado o seio por sua necessidade, sem o ambiente bom o bastante, essa capacidade de criar pode ser oprimida. A criatividade vai estar na maneira como se consegue perceber, através da concepção e apercepção³⁹. Quando há uma ameaça constante de extinção da criatividade, algo tem que ser feito para que se possa preservar o que Winnicott considera como a possibilidade de ver tudo como se fosse pela primeira vez.

Mesmo nos casos de submissão, de um falso *self* superior ao verdadeiro, existe em algum lugar a possibilidade de um viver criativo. Um relacionamento de submissão com a realidade externa gera um sentimento de inutilidade, de que não vale a pena viver. Permanece uma insatisfação em virtude do que está oculto. A submissão facilita a relação com as pessoas e realça a onipotência do outro, mas isto acontece em detrimento de ser criativo e ter uma visão pessoal da vida.

Apesar de ser possível contrastar uma vida criativa com outra não criativa, é preciso ressaltar que há uma variação no grau de objetividade quando nos referimos a indivíduos. Segundo o autor: "*Objetividade é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido*"⁴⁰.

Nos casos graves em que tudo o que é criativo, original e real se encontra oculto, a vida não tem a menor importância para o sujeito, viver ou morrer encontram-se em um mesmo patamar. É aí que muitas vezes a saída encontrada é o suicídio, a desistência pela vida. Uma saída de pouca criatividade, de submissão.

³⁹ Winnicott utiliza a palavra apercepção em oposição à percepção – 1970: 25.

⁴⁰ Winnicott, 1971: 96.

O Vazio

Nos tempos primitivos, homens e mulheres identificavam-se com a comunidade, com a natureza e com os fenômenos naturais, não existiam como seres individuais, e portanto, não existia, ou pouco havia, o viver com criatividade. Um *status* unitário no desenvolvimento pessoal só foi possível posteriormente, com um sentimento de integração em termos de tempo e espaço que possibilitando o viver criativo⁴¹.

Winnicott coloca que a variável existente entre os indivíduos que vivem criativamente e consideram que vale a pena viver, e os que “não podem” viver criativamente tendo dúvidas do valor da vida, está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade das provisões ambientais nas fases primitivas do desenvolvimento. Quando este autor faz esta afirmação não está descartando a possibilidade de haver perda (o que vou preferir aqui chamar de opressão já que não há anulação) da criatividade em um estágio posterior. É de fundamental importância se levar em conta o meio ambiente ao se tratar de criatividade, afirmando: “...nenhuma afirmação que se refira ao indivíduo como ser isolado pode tocar o problema central da fonte da criatividade”⁴².

Em 1970, nos rascunhos de uma palestra para a *Progressive League*, publicada sob o título “Vivendo de Modo Criativo”⁴³, Winnicott coloca que a criatividade é o fazer gerado a partir do ser. O ser tem sempre que existir antes, porém, sempre que o fazer puder existir com propriedade, já há criatividade. Muitas vezes as pessoas, em determinadas épocas, vivem apenas reagindo a estímulos e sem os quais não há vida. Portanto, diz o autor: “...em caso tão extremo, a palavra ‘ser’ não tem relevância. Para poder ser, e para

⁴¹ A Criatividade e Suas Origens, 1971: 101.

⁴² Winnicott, 1971: 103.

⁴³ Winnicott, 1986.

ter o sentimento de que 'é', deve-se ter a predominância do fazer-pelo-impulso sobre o fazer-reativo."⁴⁴

Winnicott afirma que essas coisas de viver ou não , criativamente, não fazem parte da vontade do sujeito, dos arranjos e rearranjos da vida, os padrões básicos estão estabelecidos no processo de crescimento com raízes nos estágios primitivos do desenvolvimento. Aquela capacidade de criar o mundo sentida a partir do sentimento de onipotência do bebê que cria o seio a partir de sua necessidade, é preciso estar preservada, quando foi adquirida, para que haja a possibilidade de viver criativamente. Segundo o autor se o indivíduo não for "distorcido" em sua introdução no mundo, se não houver invasão externa na linha da continuidade do ser, ele dispõe de muitas possibilidades de uma vida criativa e, portanto, saudável.

Como Manter o Colorido

Ainda em 1970, Winnicott nos coloca: "*Alguém tem que dar conta do trabalho cotidiano*"⁴⁵ . A partir daí discute que não é simples falar sobre isso por sempre ter alguém que gosta de atividades rotineiras. Justifica essa afirmação dizendo que depende de como a pessoa "encara" tal atividade:

*"Pode ser que uma mulher limpe o chão sem se aborrecer porque sente prazer em fazer uma lameira, através de uma identificação com sua terrível criança que, em momentos de vida criativa, faz lama no jardim e fica pulando"*⁴⁶

Acredito que aqui esteja um ponto importante para nossa discussão. Se durante uma atividade a imaginação puder fluir, por mais rotineira que seja, não será desagradável, ou

⁴⁴ Winnicott, 1970: 23.

⁴⁵ op. cit.: 26

⁴⁶ op. cit.: 27.

pelo menos, não deixará de ser saudável, pois a pessoa poderá estar presente, com sua individualidade. Logo em seguida Winnicott faz uma outra afirmação que gostaria de refletir em cima: *"Talvez o fato de que não é preciso muita inteligência para limpar o chão propicie o aparecimento de uma área cindida da experiência imaginativa"*⁴⁷.

Considero um pouco perigosa a afirmação de que não é preciso muita inteligência para certas atividades. Acredito que, se devemos pensar sempre em cada sujeito individualmente, não posso concordar com tal afirmação. A dificuldade vai depender do esforço que cada um vai precisar desprender para determinadas tarefas, e isso vai estar relacionado com o desenvolvimento e formação de cada um. Além de que é preciso levar em conta que para fazermos tal afirmação seria preciso delimitar o campo, especificar de que população estaríamos falando e em que atividades específicas. De qualquer maneira penso que o autor não teve tal preocupação por apenas desejar utilizar um exemplo de situação comum que qualquer leitor conheceria. Entretanto, concordo que em certas atividades em que não seja preciso raciocinar o tempo todo, é possível a convivência da atividade com a imaginação quase que totalmente livre. Entretanto, tal exemplo me faz refletir sobre o assunto aqui proposto.

A Criatividade Oprimida

Fazendo uma correlação com o trabalho, as situações laborais onde se encontram os processos de trabalho repetitivo, vão um pouco além do fato de serem rotineiras, elas exigem um determinado ritmo e velocidade que impedem o sujeito de refletir, até sobre o que está fazendo.

⁴⁷ op. cit.: 27.

Outro dia, em situação de vida particular, uma pessoa me disse: *“mas ela é digitadora, não foi feita pra pensar, ela tem é que digitar, e quanto menos ela pensar, mais rápido ela vai fazer o trabalho. Preciso de um trabalho rápido e sem erro. Se ela pensar, faz besteira.”* Nesta frase encontramos um resumo de quase toda a discussão pretendida nesta dissertação. Apesar de não ser o caso, ela representa o lugar da empresa, na atual situação sócio-econômica, referindo-se ao trabalhador que está totalmente submisso e dependente desse ritmo desenfreado de trabalho, e que está globalmente colocado. Eu fiquei paralisada por estar em uma situação em que tinha certa abertura para interferir, mas não o controle total. Fiquei imaginando aquela moça passando o feriado de quatro dias, à frente de uma máquina, fazendo um trabalho que não tinha nada de pessoal, que não permitia que ela pensasse em mais nada para não cometer erros, o que atrasaria a entrega, inviabilizando a possibilidade de receber mais tarefas. E o que me angustiava mais é que ela deveria estar feliz, ou pelo menos sentindo que deveria estar, porque iria receber um bom dinheiro para engordar seu Natal. Tal situação se assemelha ao exemplo fornecido por Winnicott, referindo-se às tarefas que chamou de rotineiras:

“Ou um homem pode estar tão entediado quanto é possível a um ser humano que trabalha numa linha de montagem; mas, quando ele pensa no dinheiro, também pensa nas melhorias que espera fazer na pia da cozinha, ou talvez ele já esteja vendo como foi a surpreendente derrota do Manchester City frente ao Southampton em sua TV, ainda não totalmente paga.”⁴⁸

O que é preciso observar é que, se a pessoa não precisa utilizar muito, ou o tempo todo, a atividade intelectual para cumprir determinadas tarefas, tudo bem, não é essa a nossa questão. O que nos interessa aqui é pensar sobre as situações em que o sujeito não pode pensar, não pode ser ele mesmo e sim seguir um ritmo que não é o seu, nem psíquico,

nem físico, é o ritmo da máquina. Nas situações de trabalho repetitivo o trabalhador precisa sufocar sua individualidade, para apenas executar o que já está determinado. Nas esteiras rolantes, frente às máquinas de fundição ou diante de um teclado de computador, se a imaginação se fizer presente, tira a atenção e leva ao erro. O erro nesse tipo de trabalho não só atrasa a produção, como também pode causar graves acidentes.

Nestas situações descritas acima nos deparamos com o trabalho ocupando o lugar de uma mãe não boa o bastante, o que significa uma mãe invasora, que sufoca, que não permite a espontaneidade, o individual. E talvez também podemos pensar que não oferece a segurança, o holding, pois o clima é de competição e ameaça de perda do trabalho, o tempo todo. Se a teoria winnicottiana baseia-se no sujeito como resultado de uma relação, o que acontece com esses trabalhadores que vivem essa relação de trabalho?

O trabalho é parte integrante do *self*. Trabalhar é poder criar, ou viver criativamente. Quando o próprio trabalho oprime a possibilidade de criação, é o caos. O sujeito sofre porque falta algo, falta até o sentido de viver. Esse tipo de situação abre campo não só para o sofrimento psíquico, mas pode levar a doenças somáticas que se instalam no momento de enfraquecimento do sujeito. Quando a situação começa a ficar difícil, o corpo muitas vezes fala aquilo que o trabalhador, não pode falar.

A Situação das L.E.R.

Winnicott diz que de fato, as pessoas não deveriam assumir trabalhos sufocantes, mas sabendo-se do inevitável, ele acredita que se possa amenizar organizando os finais de semana de maneira que se possa alimentar a imaginação. Essa afirmação me faz lembrar as “soluções” encontradas por algumas empresas para diminuir o “estresse” de seus

⁴⁸ Winnicott, 1970:27.

funcionários e proporcionar um ambiente de trabalho mais agradável. Dessa forma estariam deixando seus funcionários mais satisfeitos e, portanto, preparados para dar mais de si para a empresa, o que geraria uma maior produtividade.

Considero essas atitudes um tanto preocupantes. Não me refiro diretamente a Winnicott porque não era esta a sua proposta. É preciso deixar claro que estou usando sua teoria para pensar sobre o trabalho, sem que ele mesmo tenha feito isso. Mas esses novos modelos de administração, visando "o bem estar do trabalhador", me parecem mais uma das muitas técnicas para aumento de produção. Não é uma questão de condenar tudo. Com certeza, há suas qualidades e resultados importantes na questão da saúde do trabalhador, o que não podemos deixar de esquecer, é o objetivo de tais projetos.

Em relação as L.E.R., podemos voltar ao argumento de Antunes Lima (1998) quando diz que se não houvesse necessidade de se prosseguir com os estudos da psicologia em relação as L.E.R. tudo já estaria resolvido com as soluções ergonômicas e regras para as exigências dos níveis de produção. As NRs são fundamentais, sem elas acredito que o número de trabalhadores lesionados seria muito maior, c/ou haveria uma maior gravidade nos casos. A questão é que estas atitudes não solucionam o problema, amenizam. Continuo insistindo na problemática do trabalho repetitivo e sua influência no sofrimento psíquico que está envolvido tanto na gênese como nas conseqüências das L.E.R..

Dejours (1980) contribuiu com sua teoria sobre os impactos do trabalho repetitivo sobre a saúde mental do trabalhador, afirmando que a submissão do corpo à máquina e a pouca valorização dos desejos e conhecimentos do trabalhador, é uma exploração do sofrimento psíquico por bloquear o pensamento e acelerar o ritmo da produção.

Com as contribuições de Winnicott entendo que esse tipo de trabalho oprime a criatividade e, portanto, a saúde do trabalhador. Ele permite que o sujeito seja tomado pelo

sentimento de inutilidade, de futilidade, retirando o colorido da vida. É a desintegração vivida como caótica, é o caos que entra na impossibilidade de criar.

No caso das L.E.R. é inegável o fator físico-mecânico, ou seja, o impacto da repetitividade na musculatura, articulações e nervos, como causa. E é exatamente por isso que considero este um quadro de doença da maior gravidade. O impacto mecânico causa a lesão e ele provém de um esquema de trabalho repetitivo, que tem as conseqüências já discutidas. Esse tipo de trabalho torna-se cada vez mais presente na atualidade em que o homem está submetido à máquina e, portanto, a seu ritmo. É um quadro sócio econômico em que a pressão sobre o trabalhador passou a fazer parte da organização do trabalho. O exemplo dado sobre as atividades oferecidas pela empresa é o que poderíamos chamar de pressão sutil, mas existe também a pressão direta, tanto dos chefes sobre os subordinados, como na competição entre os pares que precisam de um lugar ao sol, tudo isso assombrado pelo medo do desemprego. Portanto, as L.E.R. são resultado da nossa contemporaneidade, marcada por uma vida acelerada e de competição desenfreada.

O sofrimento psíquico está envolvido na origem - a pressão, como na conseqüência - a dor. Dor física, devido as inflamações, principalmente nos tendões, e dor psíquica relacionada às perdas.

E Quando Falta o Trabalho

Além da situação geral do desemprego no país, a presença das L.E.R. no quadro das doenças relacionadas ao trabalho, vem trazendo um registro assustador de trabalhadores em plena idade de produção, aposentando-se por invalidez. Um grande número de desempregados adocidos procuram seus sindicatos, quando podem, a procura de uma luz sobre sua situação. Quem foi aposentado sofre a angústia do rótulo de inválido, quem está

trabalhando com dor sonha em poder parar e sofre por saber que as soluções trarão outros problemas. Os licenciados lutam pelo reconhecimento da doença e do nexos causal, tendo consciência de que o resultado dessa luta no máximo vai conseguir minimizar a dor física. Quem foi demitido doente, vive o paradoxo de brigar na fila da justiça para provar que estava doente, e portanto a ilegalidade de sua demissão, e tentando voltar ao trabalho que causou o seu sofrimento. Há ainda a situação dos trabalhadores que devido a impossibilidade de demissão são desviados de função, o que geralmente leva a uma desvalorização profissional e pessoal, muitas vezes sinônimo de opressão da criatividade. Essas pessoas adoeceram a sua ferramenta de trabalho, ou seja, o trabalho as adoecem e invalida.

Aqui encontramos um esquema:

Trabalhar é criar

Trabalho repetitivo é opressor

O trabalhador fica submisso

A solução, o não trabalho, oprime a criatividade

A falta de criatividade leva ao caos no mundo interno, para Winnicott, é a quebra da linha da continuidade do ser sendo que a recuperação passaria pela revivência dessa linha do ser, quando há possibilidade. Se a invasão ultrapassar o limite possível do sujeito, uma quantidade de caos passa a fazer parte daquele indivíduo. A vida fica em preto e branco.

A exploração no trabalho e a tentativa de automatização do trabalhador vêm deixando um rastro de sofrimento sem solução, assustadoramente mostra as conseqüências

de um mundo globalizado e competitivo. Os resultados estão a olhos vivos. As causas estão nos jornais. As soluções, em muitos anos de estudo e tentativa.

CONCLUSÃO

Considero ser possível, na conclusão deste trabalho, pensarmos que o cidadão, o sujeito trabalhador, sofre influência direta da modernidade. Este sujeito é o da cultura, e, se a cultura é o discurso que a população tem de si expresso de diversas formas, ela o constitui ao mesmo tempo que é constituída por ele.

Hoje estamos lidando com o tempo real, o aqui e agora que ao mesmo tempo pode ser lá e agora. Anteriormente havia uma espera, mas hoje, nesses novos tempos tem-se cada vez menos futuro, talvez seja possível falar em uma nova medida para o tempo, são “tempos novos”, o imediatismo. Há uma falta de perspectiva que afeta diretamente o mundo do trabalho. Sennett coloca que antes o tempo era linear, que a experiência acumulava-se material e fisicamente, e o tempo é o único recurso que os que estão no que chamou de fundo da sociedade, têm de graça.

Essa incerteza diante do futuro, a necessidade de fazer do agora o último suspiro, vem “enlouquecendo” o trabalhador. A pressão no trabalho, hoje, não é muito diferente da que se vive em casa, no lazer. Todos os espaços estão invadidos pela tecnologia e pela pressa competitiva. Esse tempo novo faz do dia a dia um tempo sufocante. E é desta forma que pude, com a referência da teoria Winnicottiana, identificar que o sofrimento advindo destas situações pode ser atribuído à falta de criatividade. É o “não poder” viver criativamente é que faz sofrer e adoecer.

Segundo Winnicott a criança e o adulto só podem utilizar sua personalidade integral e serem criativos através do brincar. Ou seja, é através do brincar que o indivíduo pode descobrir o seu eu. Este é o sujeito do inconsciente que a psicanálise nos ajuda a ver. É através da psicanálise que tento pensar a cultura. Conhecendo a cultura podemos

compreender o cidadão e através da psicanálise conhecer os caminhos para os quais o inconsciente pode levar o sujeito. Por estes caminhos é que pretendi pensar de que forma o sujeito sofre pelo trabalho e pela falta dele, que “dor a mais” tem um trabalhador acometido pelas LER.

As LER, tão estudadas e referidas na atualidade, apesar de não se caracterizarem como doença infecto-contagiosa, têm hoje o *status* de epidemia. Ribeiro (1999) nos chama a atenção para um importante fato: as LER, por afetarem um enorme número de trabalhadores quebram um contagiante mito da atualidade, o de que as novas tecnologias eliminariam o trabalho manual. As Lesões por Esforços Repetitivos nos apontam justamente para o fato de que os trabalhadores estão adoecendo das mãos por excesso de trabalho.

Este trabalho não teve em nenhum momento a idéia de criar soluções, mas esteve todo o tempo norteado pela idéia de refletir com um mínimo de crítica ao menos. O óbvio tem que ser abolido, a capacidade de crítica nos faz mais ativos, não permite que acreditemos os absurdos como naturais. E aí Dejours nos ajuda, dessa forma poderemos não permitir a banalização do mal, e então teremos capacidade e força para buscarmos o bem estar, a saúde.

As LER não poderão ser abolidas apenas por reformas ergonômicas, ou por termos consciência de que ela resulta de nossos tempos novos, mas com certeza é a partir destes conhecimentos que estaremos produzindo os caminhos para novos tempos sem dor, que possam valorizar a saúde e valorizar o que é humano.

Há, porém, uma questão importante que não podemos esquecer: a de que este mesmo modo de produção do sistema capitalista, a flexibilização e descentralização, que adoce esse enorme número de trabalhadores dos quais temos registro, resulta em deslocar

esses trabalhadores para o chamado mercado informal. Trabalhadores perdem seus empregos e são sub-empregados em áreas do mercado, não regulamentadas e não fiscalizadas, perdendo direitos trabalhistas e perdendo a proteção dos sindicatos e, com isso, saindo das estatísticas das doenças ocupacionais. Estes trabalhadores encontram-se ainda mais desprotegidos e em condições mais precárias de trabalho, o que piora a situação de falta de perspectiva.

Násio nos ajuda a ter esperança e força para continuarmos pensando, produzindo, trabalhando com e para os trabalhadores quando nos diz que a dor é o derradeiro afeto. A dor é a última muralha antes da loucura e da morte. Portanto, enquanto houver dor haverá força para combatê-la e dar continuidade à vida.

“Aprendamos um pouco, isso e o resto, o próprio orgulho também, com aqueles que do chão se levantaram e a ele não tornam, porque do chão só devemos querer o alimento e aceitar a sepultura, nunca a resignação.”⁴⁹

⁴⁹ Palavras proferidas por José Saramago na ocasião de entrega do “Prémio Cidade de Lisboa – 1981” a seu livro *Levantando do Chão*, que fala de trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAM, Jan (1996) – A linguagem de Winnicott: dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter, 2000.
- ANTUNES LIMA, Maria Elizabeth (1998) – A Dimensão Psicológica em: Araújo, J. N. G. e cols. (1998) – L.E.R.: Dimensões Ergonômicas, Psicológicas e Sociais. Belo Horizonte: Livraria e Editora Health.
- ANTUNES, Ricardo (1995) – Adeus ao Trabalho? : ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Editora Cortez, 7^a ed. rev. ampl., 2000.
- _____ (1999) – Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2^a ed., 2000.
- Cap. VI – A Classe que Vive do Trabalho: a forma de ser da classe trabalhadora hoje.
- Cap. VII – Mundo do Trabalho e Teoria do Valor: as formas de vigência do trabalho material e imaterial.
- ARCANGIOLI, A.M. (1995) – Introdução à Obra de Winnicott em: NASIO, J. D. org. Introdução às Obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- BAUMAN, Zygmunt (1997) – O Mal-Estar da Pós- Modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2^a ed., 1998.
- _____ (1998) – Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2^a ed., 1999.
- BORGES, Luiz Henrique (1999) – Sociabilidade, Sofrimento Psíquico e Lesões por Esforços Repetitivos em Processos de Trabalho: estudo de caixas bancários. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Instituto de Psiquiatria / UFRJ.

CARDOSO, Lídia S. (1997) – Trabalho Bancário e Identidade Profissional. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Instituto de Psiquiatria / UFRJ.

_____ (1998) – As Lesões por Repetitivos e suas Implicações com a Saúde mental dos Trabalhadores. Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro: Instituto de Psiquiatria / UFRJ.

DEJOURS, Christophe (1980) – A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Editora Cortez / Oboré, 5ª ed. ampl., 1994.

_____ e ABDOUCHELI, Elizabeth e JAYET, Christian (1985) – Psicodinâmica do Trabalho. São Paulo: Editora Atlas S. A., 1994.

_____ (1999) – A Banalização da Injustiça Social. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.

FRANÇA, Ana Cristina L. e RODRIGUES, Avelino Luiz. (1999) – Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática. São Paulo: Editora Atlas S.A..

Cap. 1 – Ampliando o conhecimento sobre o adoecer.

Cap.4.6 – Lesões por Esforços Repetitivos - L.E.R. (DORT).

GUIMARÃES, Marco Antônio (2000) – Winnicott e as Psicossomatoses. Trabalho apresentado na reunião do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Psicossomática – NEPP/ PUC-RIO. Rio de Janeiro: in mimeo, novembro de 2000.

_____ e PODKAMENI, Angela (2000) – Projeto Mãe-Criadeira: gestante e grupo, espaços potenciais em: IX Encontro Latino Americano sobre o Pensamento de D. W. Winnicott, O Homem e seu Ambiente: Encontros e Desencontros, 20 a 22 de outubro de 2000 no Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Rio de Janeiro. ANAIS.

JAMESON, Fredric – Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Editora Ática, 1997.

JARDIM, Silvia R. e col. (1996) – Processo de Trabalho e Sofrimento Psíquico: o caso dos pilotos do Metrô do Rio de Janeiro I. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 45 (5): 265-284.

- _____ (1996) – Processo de Trabalho e Sofrimento Psíquico: o caso dos pilotos do Metrô do Rio de Janeiro II. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 45(6): 323-333.
- _____ e SILVA FILHO, João Ferreira (1996) – Profissão, Identificação e Projeto. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, vol. 6, no ½, 101-120.
- LAURELL e NORIEGA, M. (1989) – *Processo de Produção e Saúde*. São Paulo: Hucitec.
- MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL: ACSL 514 – LER - Lesões por Esforços Repetitivos: Normas Técnicas para Avaliação da Incapacidade: Brasília, 1993.
- MODELL, Arnold H. (1995) – *As Raízes da Criatividade e o Uso do Objeto em: Giovacchini, Peter L. org. – Táticas e Técnicas Psicanalíticas: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.*
- NASIO, Juan-David. (1996) – *O Livro da Dor e do Amor*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- OGDEN, Thomas H. (1995) – *Sobre o Espaço Potencial em: Giovacchini, Peter L. org. – Táticas e Técnicas Psicanalíticas: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.*
- OUTEIRAL, José. e ABADI, Sônia orgs. (1997) – *Donald Winnicott na América Latina: teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter.
- PODKAMENI, Angela e GUIMARÃES, Marco Antônio C. org. (1997) – *Winnicott: 100 anos de um analista criativo*. Rio de Janeiro: NAU Editora.
- PETRAS, James (1999) – “Globalização no Banco dos Réus” em: *Público – Jornal do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal no Estado do Rio de Janeiro*. Número 36, Sessão Opinião: Rio de Janeiro, agosto de 1999.
- KONDER, Leandro (1999) – “Por Uma Globalização Mais Humana” em: *Público – Jornal do Sindicato dos Trabalhadores do Serviço Público Federal no Estado do Rio de Janeiro*. Número 36, Sessão Brasil 2000: Rio de Janeiro, agosto de 1999.

RIBEIRO DA SILVA, Maria da Glória (1998) – Queixa Principal: “Transformações no Trabalho” – Conduta: reinventar o trabalho e suas divisões. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Instituto de Psiquiatria / UFRJ.

RIBEIRO, Herval. P. org. (1997) – LER: Conhecimento, Práticas e Movimentos Sociais. São Paulo: FSP-USP, SSE-ES.

_____ (1999) – A Violência Oculta no Trabalho: as lesões por esforços repetitivos. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

SANTOS, Jair F. dos (1980) – O Que é Pós-Moderno? São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

SILVA FILHO, João Ferreira da (1998) – Psicopatologia, Trabalho e Saúde Mental. Conferência apresentada no Concurso Público de Provas e Títulos para Professor Titular de Psicopatologia, do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal, da Faculdade de Medicina da UFRJ. Rio de Janeiro.

_____ e JARDIM, Silvia R. org. (1997) – A Danação do Trabalho: organização do trabalho e sofrimento psíquico. Rio de Janeiro: Te Corá Editora.

SELIGMANN-SILVA, Edith (1994) – Desgaste Mental no Trabalho Dominado. São Paulo: Cortez Editora.

SENNETT, Richard (1999) – A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Editora Record..

WINNICOTT, D. W. (1990) – O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 3^a ed..

1960 – Teoria do Relacionamento Paterno-Infantil.

1960 – Distorção do Ego em Termos de Falso e Verdadeiro Self.

1962 – A Integração do Ego no Desenvolvimento da Criança.

1963 – Da Dependência à Independência no Desenvolvimento do Indivíduo.

_____ (1958) – Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

1945 – Desenvolvimento Emocional Primitivo.

1952 – Psicoses e Cuidados Maternos.

1951 – Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais.

1956 – A Preocupação Materna Primária.

_____ (1989) – Tudo Começa em Casa. São Paulo: Editora Martins Fontes,
3ª ed., 1999.

1957 – A Contribuição da Mãe para a Sociedade.

1964 – O Conceito de Falso Self.

1967 – O Conceito de Indivíduo Saudável.

1968 – Sum :Eu Sou.

1970 – Vivendo de Modo Criativo.

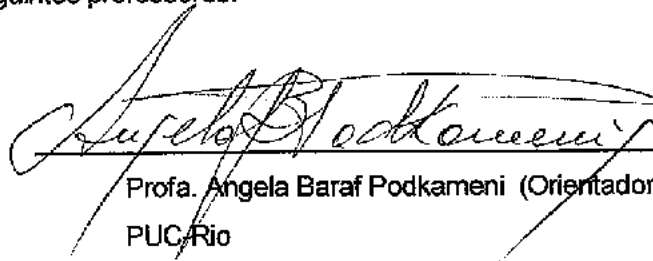
_____ (1965) – A Família e o Desenvolvimento Individual. São Paulo:
Editora Martins Fontes, 1997.

_____ (1971) – O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora,
1975.

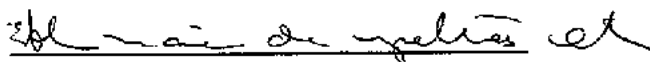
_____ (1987) – Os Bebês e Suas Mães. São Paulo: Editora Martins Fontes,
2 ed., 1999.

_____ (1988) – Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

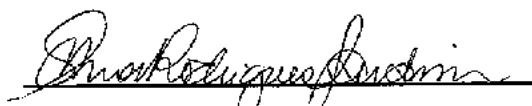
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Cristiane Pereira de Figueiredo, intitulada "A Opressão da criatividade: O Trabalho contemporâneo e as lesões por esforços repetitivos", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profa. Angela Baraf Podkameni (Orientadora)
PUC-Rio

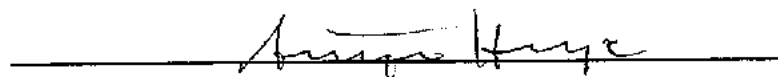


Profa. Esther Maria de Magalhães Arantes
PUC-Rio



Profa. Sílvia Rodrigues Jardim
UFRJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 26.10.2001.



Prof. Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas